

"Paris está chamando"

HOLLYWOOD redobra de esforços na realização de filmes de enredo anti-nazista. É uma das modalidades intelectuais de combater-se o inimigo, e o cinema, com o seu prodigioso poder moral, é veículo dos mais eficientes. Depois de ver-se um filme como «E as luzes brilharão outra vez», «Fuga», «Uma voz nas trevas», «Paris está chamando», saímos do cinema ainda mais revoltados com a política odiosa dos países do Eixo, e, especialmente, contra o nazismo.

«Paris está chamando», tradução exata e literal de «Paris calling», nos devolve uma das mais queridas estrelas do cinema, a vienense Elizabeth Bergner. Desde 1937, com o seu último filme «Dreaming Lips», para a United Artists não mais se soube dessa artista quasi sosia de Annabella. Retorna aos fãs Elisabeth, mas, francamente, não mais satisfazendo aquele entusiasmo conquistado em «Catharina, a Grande» e outros. Parece que o segredo do seu sucesso estava na direção do esposo Paul Czinner, ou quando ainda trazia do palco todo o vigor dos seus trinta anos. Elizabeth já está com quarenta e dois invernos e, talvez, desestimulada para a vida cinematográfica. Sua máscara denota uma espécie de cansaço, de frieza, sem aqueles lampejos da alma de uma artista capaz de emocionar o público. E o papel que lhe confiou a UNIVERSAL não é encargo fútil, é muito mais importante do que o de Michele Morgan em «E as luzes brilharão outra vez». Mas, infelizmente, Marianne parecia ausente do seu papel profundamente dramático, cheio de motivos emocionais. Depois desse «test», Elizabeth Bergner deve ser aproveitada pelos «casting-men» apenas em filmes de mistérios, para fazer paralelos com Bela Lugosi.

«Paris está chamando» nos é exibido num momento culminante da vida da França, quando os jornais estão cheios de notícias, sensacionais umas, pungentes outras: iminente invasão da Corsega, de Nice e Tunísia pelas tropas italianas, mudança da política interna para um governo ainda mais ligado aos alemães, fusilamento do deputado Gabriel Peri, pelos nazistas em Paris, como vingança contra atentados na França ocupada, e, por fim, telegrama sobre aquele emocionante episódio de 14 de junho de 1940, e julgamento das quatro enfermeiras do Hospital Orsay, próximo a Paris, as quais, aconselhadas por um médico, deram injeções mortais a oito enfermos incuráveis, quando tiveram de evacuar o hospital, fugindo todos da invasão germanica naquele dia angustiante. Sucedeu, porém, que um dos oito condenados, recobrando a vida, ergueu-se do seu ataúde mortuário entre o pavor e o pânico de todos, denunciando as pobres enfermeiras. As autoridades procederam a investigações, culminando agora no ruidoso processo a que respondem as inocentes irmãs do Vale Chevreuse.

O fusilamento de Gabriel Peri não é menos comovente. Preso como refém, ele, como milhares de outros franceses ilustres, aguardava a hora de ser imolado no altar da pátria. Lá fóra os seus conterrâneos prosseguem na guerra branca, contra os invasores. Cada atentado contra os alemães, é punido com o assassinio frio e perverso de reféns franceses. Antes de ser espingardeado, Peri deixou uma carta que é uma das mais dolorosas páginas do martírio francês sob a crueldade alemã, terminando a vida com estas palavras que só o cristianismo ao tempo de Nero, poderia inspirar:

«Domingo, 8 horas da manhã, o capelão da prisão de Cherche-Midi, veio me anunciar que eu seria fuzilado a qualquer momento como refém. Supliquei-lhe que reclamasse no Cherche-Midi os trabalhos que ali deixei. Porque alguns dos meus papéis servirão à minha memória. Que meus amigos saibam que permaneci fiel ao ideal de toda a minha vida. Que meus compatriotas saibam que vou morrer para que a França viva. Faço, pela última vez, meu exame de consciência. Ele é positivo. Isto é o que desejo que repitais a todos. Eu seguiria o mesmo caminho se tivesse que recommençar. Sacrifico-me em favor do futuro glorioso, cujo alvorecer já se vislumbra. Sinto-me bem forte para enfrentar a morte. Adeus e que viva a França!».

Quando vemos no cinema uma cena como aquela do massacre dos



O par amoroso de «Paris está chamando»: Randolph Scott e Elizabeth Bergner.

civis em fuga desordenada do norte para o sul, crianças, mulheres e velhos estraçalhados pelas estradas da França invadida pelos hunos da cruz svástica, e lemos na imprensa notícias angustiosas como essas a que acabo de referir-me, reconhecemos que o cinema ainda não pôde transplantar para o celuloide toda a extensão dolorosa dessas tragédias de sangue e ódio que Hitler e Mussolini desencadearam na Europa, e os nipões, provocaram no Pacífico. Já não é Paris que está chamando, é o mundo civilizado e humano, o mundo construído moralmente sob a égide da Lei, do Direito e da Liberdade, que exige de todos os povos ainda livres, o desembainhar da espada da Justiça para vibrar nas hienas esfaimadas o golpe decisivo e mortal. «Paris está chamando» deve ser compreendido como uma exortação da Liberdade contra a Força brutal da Escravidão. Paris é um símbolo, o perigo é universal.

Guatordeluz.

Novidades de

HOLLYWOOD — Junho — 1942. — Uma saudação daqui de Hollywood, onde as estrelas deslumbram desde o amanhecer até o pôr do sol, e de noite tudo permanece na mais completa escuridão se assim o determinam as autoridades da defesa nacional.

O reporter indiscreto poderia encher colunas e colunas com notícias do trabalho que por causa da guerra se realiza atualmente em Hollywood, mas preferimos deixar este assunto aos correspondentes dos jornais de todos os países democráticos do mundo. Considera-se o cinema essencial para manter o moral do público e assim o faremos nas nossas crônicas, quer dizer, como uma arte e um divertimento que se oferece ao público para fazê-lo esquecer ainda que momentaneamente a realidade que o cerca para que possa depois empreender mais vigorosamente o trabalho que diariamente está sendo pedido nestes tempos difíceis.

Provavelmente ninguém em Hollywood contribuiu de maneira mais eficaz na arte cinematográfica de divertir o público nos dois últimos anos do que Preston Sturges, autor e diretor que deu nova vida à comédia cinematográfica. "Contrastes Humanos", primeira produção de Sturges depois de "As Três Noites de Eva", foi aclamada pelos críticos, nacional e internacionalmente. Este reporter se dirigiu ao "set" onde se está filmando "Romance em Palm Beach" (título provisório), a nova película de Preston Sturges, onde surpreendemos o famoso diretor com Claudette Colbert no colo, mostrando a Joel Mc Crea como devia colocar-se para fazer coegas na encantadora estrela, segundo exigia a cena. Ao mesmo tempo pudemos observar que outra película do mesmo diretor estava sendo filmada.

Patricia Morison, que tinha cortado o cabelo e se tornara loura para representar no filme "No Quarto Escuro" (título provisório), aqui está novamente com o seu cabelo preto azeviche. Surpreendemo-la no momento em que o artista do maquilage Newt House, lhe retocava o rosto quando se filmava a película "O casal Cugat" (título provisório). Bob Hope está trabalhando atualmente no seu filme mais comico "Minha Loura Favorita" (título provisório), no qual Madeleine Carrol, tem o principal papel feminino. Numa cena, o diretor Sidney Lanfield, dá a Madeleine a oportunidade de coroar o rei do riso, enfiando-lhe um quadro pela cabeça.

Outra loura muito querida é Veronica Lake, que acaba de terminar a filmagem de "Armas de Aluguel" (título provisório). Durante os intervalos, a nova estrela descansa sentando-se no primeiro movel que encontra e tomando uma laranjada. (O reporter indiscreto confessa que quando viu Veronica Lake descansando, o cabelo não lhe cobria os lindos olhos).

Como se não lhe tivessem bastado os salpicos de agua salgada em "Vendaval de Paixões", Paulette Goddard, passa os fins de semana fazendo excursões na sua lancha-motor. Dona Drake, Susan Hayward e Martha O'Driscoll são também frequentemente vistas nas praias e em excursões maritimas. Dentre as nadadoras pudemos destacar Margaret Hayes e Katherine Booth, que posaram como esculpturais modelos para este reporter indiscreto, numa piscina que frequentam.

William Boyd diverte-se aqui com o presente que lhe fez sua esposa, a artista Grace Bradley, no Natal. Hoje, porém, quando voltou ao seu antigo esporte, chegou à conclusão que expôs ao reporter indiscreto como uma declaração oficial à imprensa. "O arco e a flexa nunca substituirão a pistola de seis tiros". Depois de atirar flexas toda a volta do alvo, Bill sacou a pistola e cravou seis balas bem no coração de alvo, em menos tempo do que



Susan
HAYWARD

Martha
O'DRISCOLL



Sidney
LANFIELD

Madeleine
CARROLL

Bob
HOPE



Patricia
MORISON



Joel
MCCREA

Preston
STURGES

Claudette
COLBERT



Dona
DRAKE

Hollywood

se leva para dizer "Hopalong Cassidy".

Barbara Britton e Jim Brown que são os românticos intérpretes de "Juventude e Vontade" (título provisório) passaram muito tempo juntos no Tennis Clube de Beverly Hills. Jim é campeão de tennis no Texas e estreou no cinema neste filme da Paramount com Miss Britton.

Finalmente Betty Field aparece numa maneira mais atraente. Em "Terror no Paraíso", cujo intérprete principal era Fredric March, ela era uma mocinha tímida que tocava numa orquestra, em "O Morro dos Maus Espíritos" apareceu sempre descalça usando calças de homem e sweaters. Em, "Linhagem Real", Betty era uma neurotica. Agora, porém, Betty aparece em "O Casal Cugat" no papel de esposa de Ray Milland e em cada cena apresenta-se com outra *toilette*. Falando em Milland, tivemos a oportunidade de presenciar a visita do seu maior fã cujo nome é Daniel e sobrenome... Milland. É o seu filhinho de três anos de idade.

Sabemos que por fim Gary Cooper assinou um contrato com a Paramount para desempenhar o papel de Roberto Jordan na adaptação de "Por quem os sinos dobram", a discutida novela de Hemingway. Este fato tornou-se conhecido depois que a Academia de Cinema lhe concedeu o prêmio de 1941 por sua interpretação em "O Sargento York", que foi considerada a melhor do ano. Gary Cooper, que está sob contrato com Sam Goldwyn, passa à Paramount para trabalhar na mencionada película, e Goldwyn, conforme ficou combinado, disporá de Bob Hope para um filme. Este famoso artista comico comentou assim o fato: "Será a primeira vez na historia do cinema que Gary Cooper e eu trabalhamos juntos em películas diferentes".

Os dois proximos filmes de Do-

rothy Lamour apresentarão a notável artista, para alegria dos seus inumeros admiradores, em duas caracterizações inteiramente diferentes. Em um deles "Além do Horizonte" (título provisório) ela apresenta-se com seu famoso *sarong*, novamente em plena natureza, tendo como companheiros um tigre e um chimpanzé e ameaçada por um formidável elefante encolerizado. Esta película é toda em *tecnicolor*. Em "Marinheiros em Terra" (título provisório) Dorothy representa como uma cantora e bailarina que se tornou famosa porque ninguém tinha ousado beijá-la. Trata-se duma película musicada, com muitas canções e numeros de variedades, genero popular, na qual aparece a conhecida orquestra de Jimmy Dorsey. William Holden é o marinheiro que consegue vencer os preconceitos da cantora, beijando-a. O galã das selvas é Richard Denning.

A comedia mais romantica e mais bem tramada desta temporada será sem duvida "Um Ditado, Querida" (título provisório) realização de Mitchell Leisen, diretor de "A Porta de Ouro". Os interpretes desta película são Rosalind Russel; e Fred MacMurray, o que já garante o sucesso.

Fred trabalha como secretario de Rosalind Russell, o que acarreta situações comicas muito divertidas. Uma das condições do emprego de McMurray é de não se enamorar da chefe. O que aconteceu foi justamente o contrario e vemo-la apaixonar-se pelo secretario. O rej orter indiscreto teve ocasião de assistir uma projecção particular desta película e confessou que riu-se quanto poude fazendo competencia ao proprio diretor.

Se Fred McMurray fosse meu secretario, eu lhe diria: "Escreva esta carta: Querido leitor: Por hoje é só".

(As.) O REPORTER INDISCRETO



Margaret
HAYES

Katherine
BOOTH



Barbara
BRITTON

Jim
BROWN



Veronica
LAKE



Paulette
GODDARD



Betty
FIELD

«D. Stela» tem pensão de verdade



Luiza Nazareth numa fotografia recente.

Plácido Ferreira me disse, certa vez, que precisou de ingressar para o rádio afim de conseguir ver o retrato seu e de Cordélia Ferreira, sua esposa, numa capa de revista. No teatro, ninguém se lembrou de ir buscar o retrato d'esse casal de artistas para a capa de uma revista, ou mesmo para uma bonita «pôse» numa página qualquer... E isso não sucedeu apenas com o atual diretor do «Radiatro A-9».

Aconteceu e está acontecendo com todos os atores dos nossos palcos.

Nunca vi o retrato de um Leopoldo Fróes, uma Apolonia Pinto, ou qualquer outro, numa capa de revista — nem mesmo dos nossos bons atores de atualmente, como um Teixeira Pinto, um Jorge Diniz ou um Modesto de Sousa, tive oportunidade de ver uma «foto» ilustrando a página externa de qualquer semanário ou mensário.

Com Luiza Nazareth, acontece mais ou menos isso. Há trinta anos vem essa atriz maravilhosa pisando os nossos palcos, emprestando a sua arte ao sucesso de gerações de autores, conjuntos e empresários. Há trinta anos vem ela trabalhando diariamente nos nossos teatros. E isto sem nunca ter visto o seu nome em letreiros luminosos, sem espalhafatos de publicidades e sofrendo sempre o **boycott** dos pintores de taboletas de porta de teatro.

Isso quer dizer uma existencia dedicada á arte, uma vida inteira no árduo trabalho de representar cotidianamente, sem esperança de dias futuros ou de aposentadorias que lhe garantam uma velhice cômoda e despreocupada...

E' essa, aliás, a vida dos nossos artistas de teatro. Nenhum dêles vive pensando em conseguir aposentadorias ou descansos quando a idade não mais lhe permitir pisar o palco...

Luiza Nazareth é filha de Candido Nazareth, grande ator de épocas que não vão longe. Aos 11 anos de idade, essa artista fez a sua estreia no teatro brasileiro, na companhia dirigida por seu pai, e, desde então, nunca mais abandonou o palco, onde tem feito criações magistrais e trabalhado ao lado do mais refinado escôl dos nossos artistas, como Itália Fausta, Leopoldo Fróes, Apolonia Pinto, Lucília Péres, Zé Ricardo, conhecido ator português, Procópio Ferreira, Jaime Costa e muitos outros. Presentemente, a criadora da «D. Estela» de Gastão Barroso faz

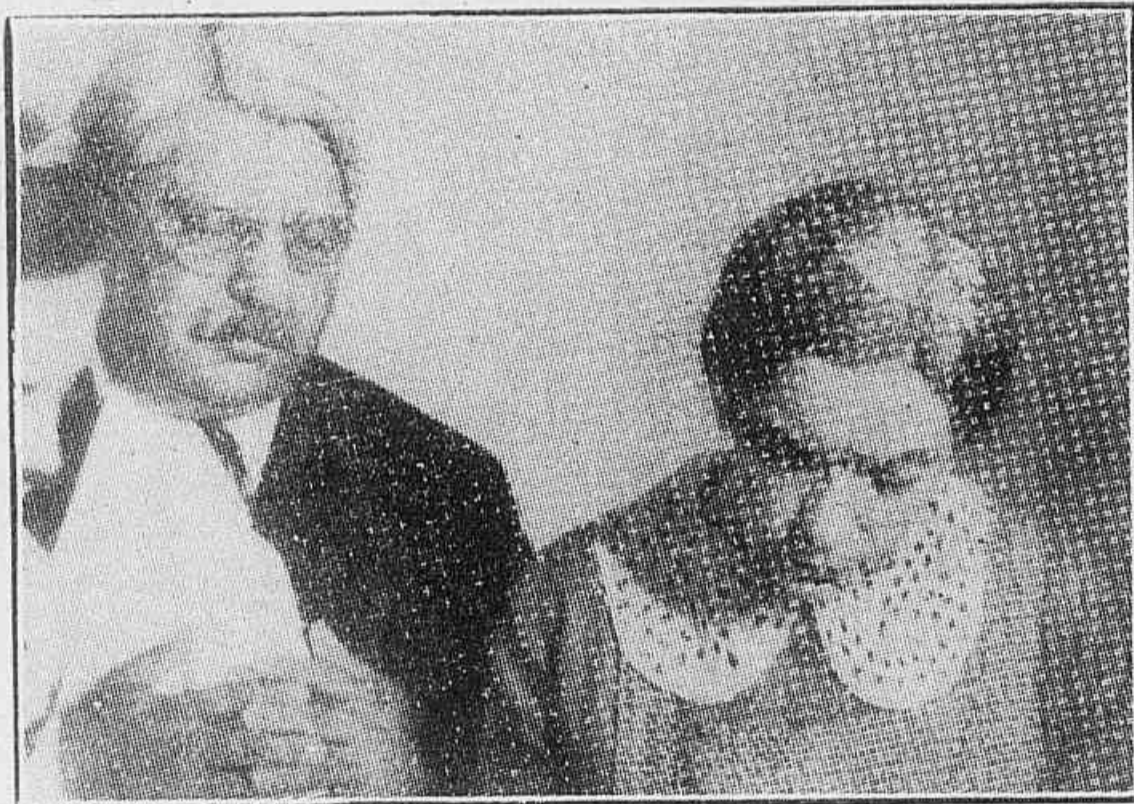
LUIZA NAZARETH E O TEATRO BRASILEIRO — TRINTA ANOS DE PALCO — O «BOYCOTT» DOS PINTORES DE TABOLETAS — «ONDE ESTÁ'S FELICIDADE?», SEU PRIMEIRO FILME — «CASA DE PENSÃO» O SEU ROMANCE PREDILETO...

Reportagem de NESTOR DE HOLANDA para A CENA MUDA

parte da Companhia encabeçada pelo consagrado autor e agradável ator Joraci Camargo, que se encontra no teatro Regina desta Capital. Ao lado de Procópio, com quem trabalhou muitos anos, Luiza Nazareth fez criações maravilhosas e deu sucesso a muito autor de renome. Entre os seus trabalhos, destacam-se os de «Fruto Proibido» e «Feitiço», de Oduvaldo Vianna, «Bombonzinho», de Viriato Correia, «Maluco da Avenida», «Precisa-se de um pai», «O ultimo sonhador...», de Ari Pavão, «Pense Alto!...», de Eurico Silva, «Chauffeur», «O Bôbo do Rei», e «Deus lhe pague...» de Joraci Camargo, «O hóspede

e Morte», de Artur Azevedo, ao lado de Lucília Péres, Francisco Marzullo, Cinira Polonio, Artur Louro e outros, no recinto da Exposição Nacional, em 1908, é uma eximia dona-de-casa, dedicada e amiga, onde cuida de seus seus netinhos, filhos do casal Rodolfo e Lourdes Maier, e dirige duas pensões de sua propriedade — o que quer dizer que a «D. Estela» da peça de Gastão, é mesmo, na vida real, uma dona de pensão...

Há poucos dias visitei a senhora Luiza Nazareth, em companhia de seu futuro genro, o jovem artista Osvaldo Lousada, também da Companhia de Joraci Camargo. Se um estranho, um terceiro, deshabi-



Cena do filme «Onde estás, felicidade?», com Luiza Nazareth, Carlos Barbosa e Nilza Magrassi.

do quarto n. 2», de Armando Gonzaga, «Láia Boneca», de Ernani Fornari e muitos outros que nos não ocorrem á memória no momento.

Há um ano passado Luiza Nazareth foi uma das causadoras de um dos maiores sucessos teatrais os ultimos tempos: «A pensão da dona Estela», de Gastão Barroso, que Jaime Costa fez subir á cena no Rival-Theatro. Ela era a D. Estela, a notavel proprietária da engraçadissima pensão, onde todo o mundo comia e ninguém pagava...

Em cinema Luiza Nazareth tem dois bons trabalhos. O primeiro foi em «Onde estás, felicidade?», filme extraído da peça de Luis Iglesias que tem o mesmo nome, e o segundo foi em «Asas do Brasil», aquela película que Raul Roulien realizou mas que, infelizmente, ardeu no incendio do Alhambra.

Luiza Nazareth é mãe das atrizes Lourdes Maier, esposa de Rodolfo Maier e «ingênua» da Comédia Brasileira, e de Zilka Salaberry, casada com Mario Salaberry, todos nomes bastante conhecidos no teatro e no cinema nacionais. Fora do palco, a filha do grande ator que foi um dos criadores de «Vida

tuado ao ambiente de teatro, nos acompanhasse nessa vista, ficaria pasmado quando avistasse uma atriz querida dos nossos palcos orientando a arrumação da casa e o menu do dia... Ficaria assim, porque a imbecilidade dos dias presentes, a mentalidade que os filmes de beijos sensacionais e os sambas das estações de rádio deturparam, não consentem que, na lógica de muita gente, uma artista seja artista de verdade, sem eternos **maquillages**, unhas pintadas e trajos para todas as horas do dia. Pouca gente sabe ver uma atriz com intelligencia, com uma certa compreensão de que a arte se faz no palco e que, fóra de cena, ninguém deve precisar de **make-ups** cinematográficos... Por isso, um terceiro em nossa companhia ficaria admirado se encontrasse «dona» Luiza a cuidar dos serviços do seu lar, bem diferente daquela que, diariamente, avistamos no palco.

Ao nos avistar, a grande artista, toda bondade, foi-nos convidando a sentar e providenciando logo para que fossemos servidos de um cafézinho, o que é muito do nosso costume. Em seguida a popular D. Estela quis saber a razão da nossa visita inesperada, e, quando lhe

pedi uma entrevista para a «maior revista de cinema do Brasil», ela sorriu um sorriso de incredulidade, como se nunca fosse procurada por um repórter, nem nunca tivesse dado entrevista para jornal nenhum... Mas continuámos insistindo e «dona» Luiza foi respondendo ás nossas perguntas...

— Dos meus papeis — começou — o que mais me impressionou foi o da grande peça «Ciclone», onde, segundo a crítica, superei as atrizes estrangeiras. Aliás sentime á vontade nêssa interpretação, pois prefiro os papeis que requerem grande estudo e exigem o máximo que um artista pode dar. Mas gostei, também, de outros papeis léves que tenho feito, notadamente o de «As doutoras», de França Junior, o de «O maluco n. 4», do Armando Gonzaga e outros.

— Por que a senhora não exige o seu nome em letras luminosas?

— Porque levo sempre, em meus contratos, essa vantagem para o empresário: não tenho vaidades. Acredito que não seja o reclame o revelador de uma arte pura, por isso deixo que os pintadores de taboletas, como diz você, nunca se lembrem do meu nome...

A essa altura, D. Estela foi lá dentro, e, quando voltou, com duas chicarazinhas de café, passou a falar de cinema, como lhe pedi:

— Creio cegamente no cinema nacional. Acho que só nos falta bom capital, porque o mais já possuímos. Visitei, há pouco, os estúdios da Atlantida e estou encantada com o que Moacir Fenelon já realizou ali. Que maravilha! Moacir merece todo o apoio, pois é um moço trabalhador e honesto, como há poucos no nosso cinema. Creio muito, também, em Roulien e em Oduvaldo, dois grandes elementos para a industria fílmica brasileira.

— Dos seus filmes, qual o melhor «dona» Luiza?

— Como sabe, trabalhei pouco em cinema, mesmo assim gostei muito de «Onde estás, felicidade?» e sinto haver ardido o «Asas do Brasil», pois nêste eu tinha um papel muito mais importante...

— Prefere o teatro ou o cinema — perguntei.

— Gosto de cinema, mas, por uma questão de hábito e de tradição, prefiro o teatro. A meu ver êste, é mais difícil e exige mais do intérprete. O artista de cinema não cria! Mesmo assim, para o Brasil, voltarei a filmar com a mesma alegria com que piso num palco... Aliás tenho em mão uma proposta para um papel num dos nossos próximos filmes, o qual entrará em rodagem Dezembro dêste ano.

Quando não representa nem está ocupada com os seus serviços domésticos, «dona» Luiza Nazareth lê. A leitura é a sua terceira ocupação. Ela forma, também, entre as poucas artistas que estudam, meditam e não usam do cérebro unicamente para se preocupar com mimices e futilidades. Tanto que lhe perguntei, ao avistar sobre um móvel o romance «Casa de Pensão», de Aluizio de Azevedo: — Gosta de ler?

— Imensamente. Leio de tudo. Na poesia sempre olho as páginas adoráveis de Bilac, ou de Castro Alves, e, entre os modernos, destaco Menotti del Picchia. Na

(Continúa na pagina 24)

CASADOS E FELIZES



Deanna Durbin e seu esposo Vaughn Paul nesta foto tomada numa festa a favor dos bonus da guerra. A vida do casal é cada vez mais bela na sinceridade, confiança e respeito recíprocos, atributos essenciais à completa felicidade de um lar.



Bette Davis, que acaba de renunciar ao posto de Presidente da Academia de Ciências e Artes Cinematográficas de Hollywood, por excesso de trabalho nos estúdios, foi passar dois meses de férias em sua fazenda de New England, ao lado do esposo, Mr. Arthur Farnsworth. E não houve quem conseguisse dissuadi-la do passeio e da renúncia, Bette Davis é mesmo cabeçuda, quando quer, quer mesmo.

Errol Flynn e Lili Damita andavam em desavença; mas, agora com o movimento patriótico em favor da defesa nacional para sustentar a guerra, eles estão novamente juntos e... felizes. Afinal a guerra sempre serviu para por termo a outras hostilidades...



E o Sr. George Brent? Quando esse sabidão se resolverá a casar com Ann Sheridan? Não se assustem, mas, segundo notícias fidedignas vindas de Hollywood, os dois não se amarraram ainda, apesar de aparecerem sempre juntos, darem passeios românticos, como se tudo isso continuasse a fazer parte do "plot" daquele memorável "Lua de Mel para três".



Rosalind Russell e seu esposo Freddie Brisson, cujo exemplo de união é considerado antídoto para destruir o vírus do divórcio em Hollywood.



Alice Faye é feliz ao lado do seu Phil Harris. Ei-la aqui aplaudindo discursos em propaganda da resistência aliada em face da brutalidade nazista.

Nome em inglês "Shut My Big Mouth"

Filme da Columbia, direção de Charles Barton

ELENCO

Wellington Holmes — JOE E. BROWN
 Conchita Montoya — Adele Mara
 Buckins Bill — Victor Jory
 Robert Oglethorpe — Fritz Feld
 Hill — Don Beddoe
 Long — Will Wright
 Alcade — Russell Simpson
 Don Carlos Montoya — Pedro de Cordoba
 Maria — Joan Woodbury

Wellington Holmes possuía uma fortuna considerável, e com o fito de dedicar seus bens no embelezamento das paisagens do "Oeste", toma passagem em uma diligência para uma vila chamada Big Bluff. Queria tomar a vila como ponto de partida para o seu plano. Era Holmes um devoto da natureza.

Ia em companhia do seu ajudante Oglethorpe, quando aparece para interceptar a diligência o terrível bandoleiro Buckins; Holmes, ao aprear-se, dá com a portinhola no nariz do bandoleiro, que cai sem sentidos. Os capangas, ao verem seu chefe inanimado, tratam de fugir em pânico. E não era sem tempo, pois acabava de aparecer um esquadrão que estava à caça dos bandoleiros.

Ao chegar à cidade, o povo fica entusiasmado com a "proeza" de Holmes, e elegem-no, por unanimidade, comissário de polícia.

Debalde procura Holmes explicar que tudo fôra simples casualidade; mas o povo só queria saber que ele havia vencido Buckins e os seus salteadores, pondo-os em fuga.

Wellington, amedrontado com o fatal encontro que tivera com o terrível Buckins, decide voltar à cidade em busca de paz.

Sabendo que o "cavalheiresco" Buckins nunca ataca as mulheres, resolve usar um disfarce, passando por esposa de Oglethorpe.

Na diligência viaja uma bela senhorita, chamada Conchita Montoya, filha de um rico fazendeiro que havia sido sequestrado por Buckins. Este não tarda a atacar a diligência, mostrando-se muito cortez com Conchita e a "Sra. Oglethorpe"; leva-as então para um acampamento secreto, onde se achava prisioneiro Don Carlos, pai de Conchita.

Ao anoitecer, Buckins oferece uma festa em honra das duas "convidadas"; o vinho e a alegria fazem estragos entre os bandoleiros, com quem a "Sra. Oglethorpe" tem que dançar.

No outro dia Buckins manda Conchita buscar o dinheiro para resgatar Don Carlos, e enquanto isto Holmes foge do acampamento, usando uma roupa de "cow-boy"; mas, no caminho, Holmes é aprisionado por um grupo de "peles-vermelhas" que o querem escalar. Vendo-se perdido, Holmes pede para ele mesmo se escalar. Os índios acedem e Holmes, com ar heroico, finge cortar-se, arrancando o "chinó" de seu disfarce.

Os "peles-vermelhas" ao verem o resultado da "operação", ficam atônitos, e crendo tratar-se de um milagre, juram amizade eterna, dizendo que quando quisesse auxílio bastava lançar aos céus cinco fumaçadas.

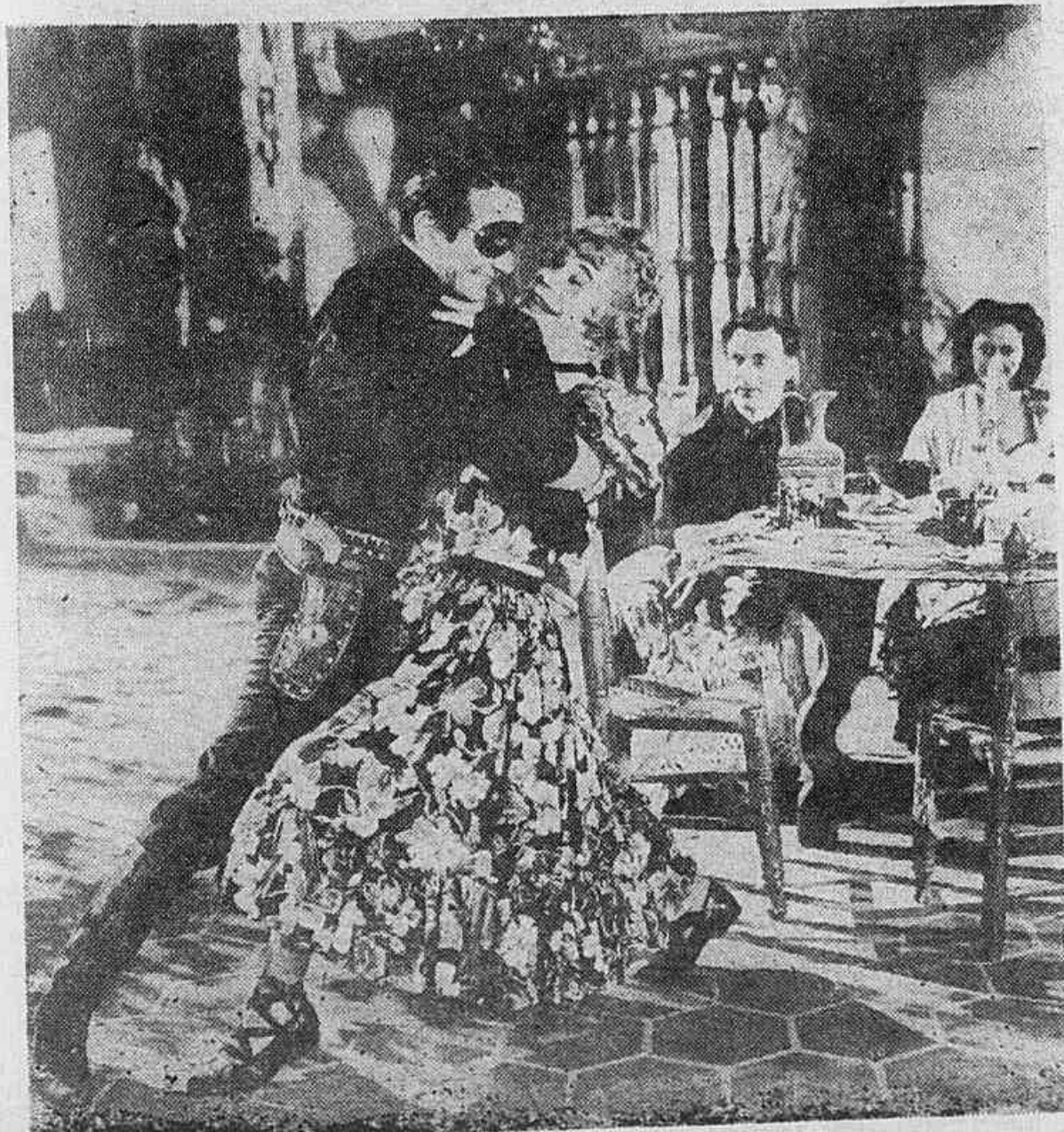
Ao chegar a Big Bluff, Wellington recebe novas honrarias por ter domado os selvagens; também Conchita lhe oferece a sua amizade pelo interesse que Wellington havia tido por seu pai.

Ao entardecer a vila é atacada por Buckins, que leva prisioneiro Wellington; este ao chegar ao acampamento troca de roupa, passando a ser a "Sra. Oglethorpe".

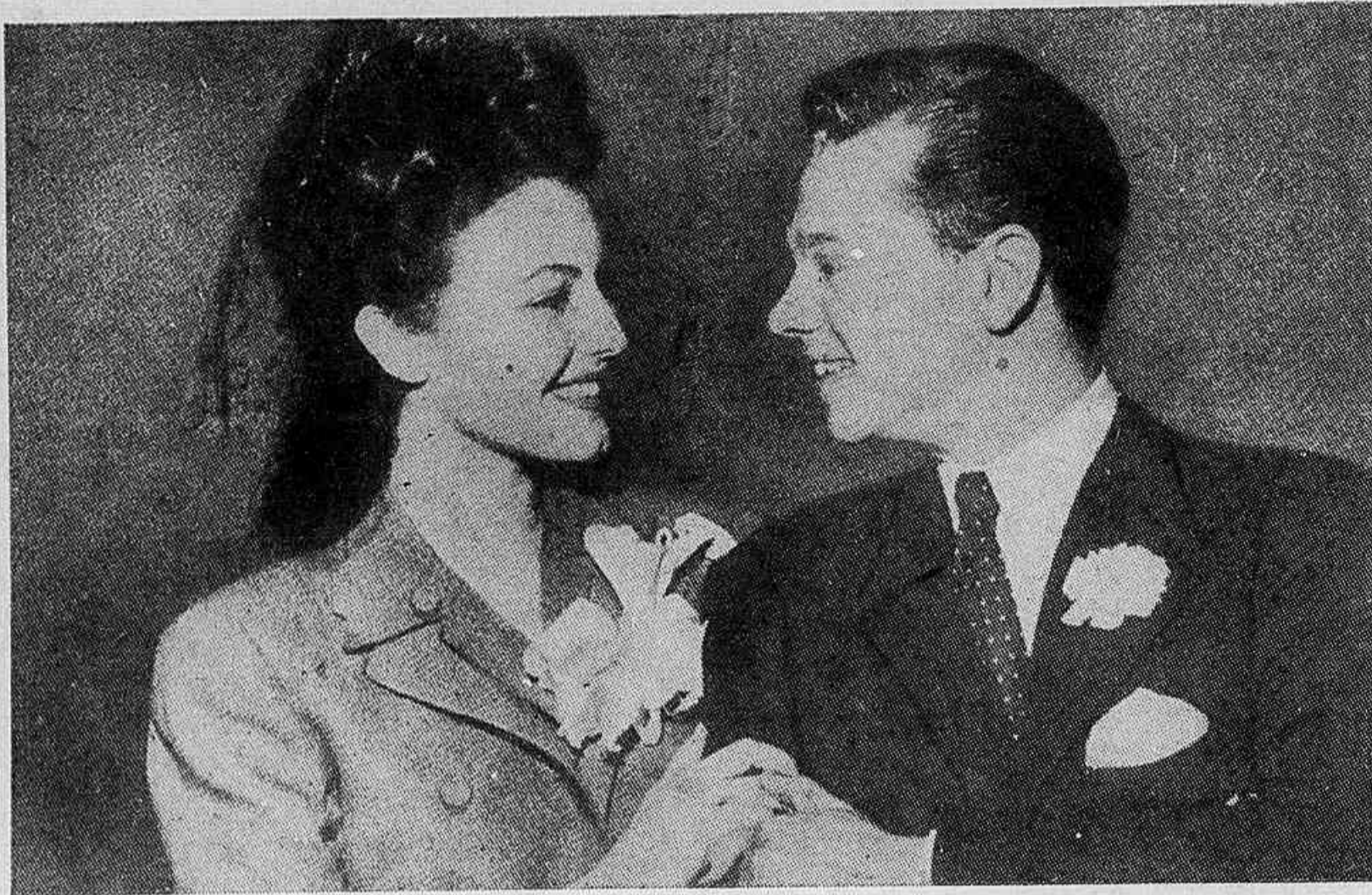
Os bandidos desta vez descobrem o ardil. Um repentino incêndio na casa chama a atenção dos índios que interpretam as chamas como uma mensagem do "irmão branco", e chegam ao acampamento no momento em que Wellington fazia prodígios, batendo-se com a quadrilha de Buckins para salvar o pai de Conchita. E no final, o amor da moça recompensa merecidamente o invicto herói Wellington Holmes...



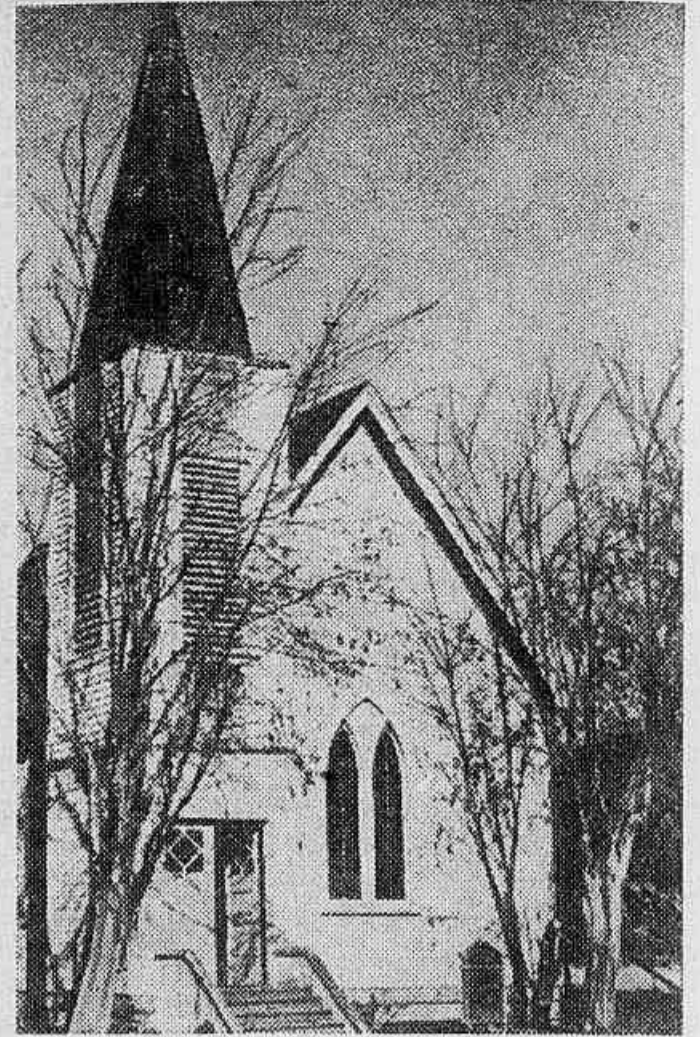
CALE A BOCA



AS CINDERELAS DO CINEMA



Ava e Mickey, na hora emocional do enlace na igreja de Santa Inês.



Eis aqui o modesto templo onde se casaram Mickey e Ava Gardner, a 700 quilômetros de distância de Hollywood, na maior simplicidade, sem festas nem convidados, fugindo a qualquer publicidade ou presença de curiosos.

A vida moderna tem cousas parecidas com aquelas histórias da carochinha que nossas avós nos contavam nos terreiros da casa grande sob os plenilúnios amenos e evocativos. Cinderela é um tipo de moça feliz, saída do borralho, da cozinha de suas patrões para os fulgores da riqueza mais imprevisível.

É preciso, porém, que as Cinderelas, as «Borrallheiras» não tenham o propósito, o desejo preconcebido de encontrar seus príncipes encantados, suas fadas milagrosas. Nada de presunção fútil, de vaidades pueris. A sorte, quando quer vir, vem mesmo, e da maneira mais imprevisível e surpreendente.

Vejam o que sucedeu a essas duas Cinderelas de Hollywood: Ava Gardner e Dorothy Darrell. A primeira casou-se com Mickey Rooney, Rei do Cinema, o maior nome cinematográfico como sucesso de bilheteria nos Estados Unidos; a outra, inesperadamente, quando ia apresentar-se nos estúdios da Universal para assinar um contrato de experiência, foi arrebatada pelos braços de Joseph Pasternak, o famoso produtor que deu fama, glória e dinheiro a Deanna Durbin. Ava Gardner é natural de

Carolina do Norte, tinha então dezenove anos. Possuidora de talento artístico e beleza, deixou os estudos do «Atlantic Christian College» para tentar carreira em Hollywood; mas se deteve diante do imprevisto: Mickey Rooney. E, entre o ser estrela de cinema ou esposa de um astro como o trefego Joe Yule Jr., Ava Gardner preferiu o último dos caminhos e é hoje Mrs. Mickey Rooney, com todas as honras e todas as **platas**...

A outra Cinderella, Dorothy Darrell, uma criaturinha lindíssima, de 21 anos de idade, obscura artista a posar para fotografias comerciais, veio para a Universal com o mesmo propósito da outra: tentar pontinhas nos estúdios, até que, através de sacrifícios, lágrimas e decepções, alcançasse melhor posição e mais folgados salários. Mas estava traçado o destino dessa formosa garota, e, certa tarde em Palm Spring, o amável Sr. Pasternak a «descobriu» ficando encantado com aquela filha de Athens, Estado de Nova York. Dorothy era dançarina de clubes noturnos em Nova York e Miami. Dias depois era a Sra. Joseph Pasternak, um dos mais reputados produtores de Hollywood.

Dizem que a sorte é cega; mas, no caso de ambas, elas viram longe...




O jovem casal seguiu depois para gozar sua lua de mel no Del Monte Hotel, perto de Carmel, California, onde Deanna Durbin e Vaughn Paul também estiveram com o mesmo fim.



Depois de uma semana nesse hotel, seguiram para São Francisco, Nova York e Boston, em cuja cidade Mickey trabalhou em «shows» em benefício de instituições de caridade.

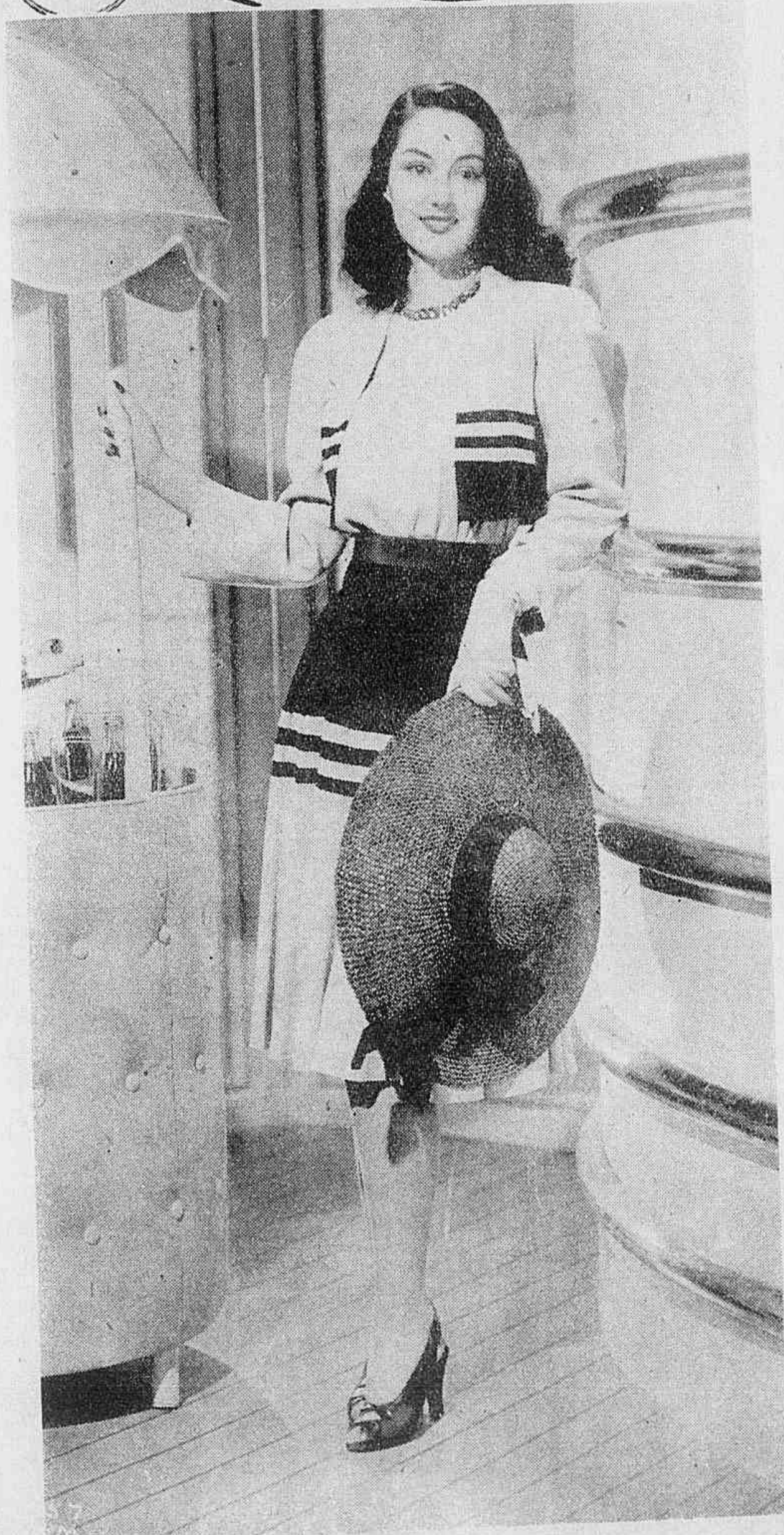


Dorothy Darrell recebendo o beijo de amor e fidelidade do esposo Joseph Pasternak, num casamento a que compareceram nomes notáveis como Bill Powell, Mervyn Leroy, os Jack Bennys, etc.



DIA

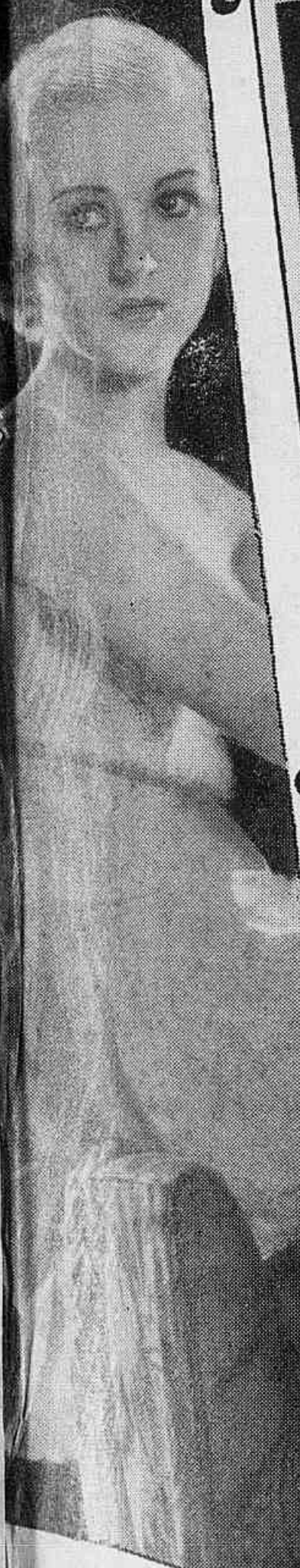
Estes dois modelos aqui apresentados são duas lindas toilettes próprias, uma para manhã e outra para tarde. O primeiro é um interessante vestido de crepe branco e negro apresentado por Virginia O'Brien, proprio para passeios matinaes. O chapéu bem amplo é de palha brilhante verde-escuro com larga fita de veludo negro. Notar o original talho do casaquinho. O segundo exibido por Jane Wyman é um vestido em seda verde esmeralda, de talhe simples porém muito elegante. As luvas de feitio inédito são de camurça côr de areia.





Eis dois lindíssimos modelos de trajes para a noite, apresentados por Maureen O'Sullivan e Florence George. O da esquerda é um maravilhoso casaco para soirée em setim branco, ornado com grosso cordão de "soutache" cor de ouro. O da direita é uma original criação em tule negro, acompanhada por um grande leque também negro.

NOITE



V.T.

para o album do fã

LUPE VELEZ

Nome verdadeiro — Lupe Velez de Villalobos. — Local do nascimento: — San Luis Potosi, Mexico, em 18-7-910; côr dos olhos: castanhos; cabelos negros; altura: 5 pés; peso: 115 libras; pais: Josephine Velez, costureira da opera e coronel Villalobos. Estudou num convento religioso em Santo Antonio, Texas; suas principais manias são: fazer tapetes e guiar o seu carro. E' divorciada do ator Johnny Weissmuller e casada desde 1-11-940 com "Big Boy" Williams, tambem artista. Foi uma das dansarinas da comedia musical "Rataplan" na cidade do Mexico e tambem no "Music Box Revue" em Hollywood. Sua primeira aparição no cinema foi na pelicula "O Gaucho", que Douglas "Fairbanks United" realizaram em 1928 e depois com Rod La Rocque em "Stand and deliver" e no filme de "D. W. Griffith-United" "Masquerade" e co-estrelou Gary Cooper no filme da "Paramount" "The Wolf Song". Em 1939: "Lady of the pavements" (U. A.), "Where Cast is east" (M. G. M.), "Tiger Rose" (W. B.). Outros filmes: "Helle Harbor" (U. A.), "Storm" ("Universal"), "East is west" (idem), "Ressurreição" (idem), "The Squaw Man" e "Canção de amor cubano" (M. G. M.), "Men in her life" (Col.), "The Broken wing" ("Paramount"), "Kongo" (M. G. M.), "The half-naked truth" (R. K. O.), "Hot Pepper" (Fox), "Mr. Broadway" (produzido pela "Broadway-Hollywood Productions"), "Palooka" (U. A.), "Laughing Boy" e "Hollywood Party" (M. G. M.), "Strickly Dynamite" (R. K. O.), "The Morales of Marcus" (20th. C. Fox), "Gipsy Melody" (A. P. B.), "High Flyers" (R. K. O.). Seus ultimos filmes apresentados no Brasil foram "Quando a mulher vira bicho", "Madame La Zonga" e "O Bebê de Carmelita".

Nome em
Inglês: — «So
Ends Our Night»

Baseado no último livro de Erich
Maria Remarque — «Flotsam»

Produção de Albert Lewin e
David L. Loew

Distribuição da «United Artists»

Direção de John Cromwell

ELENCO:

Josef Steiner — FREDRICH
MARCH
Ruth Roland — MARGA-
RET SULLAVAN
Marie Steiner — FRAN-
CES DEE
Ludwig Kern —
GLENN FORD
Lilo — ANNA
STEN

Brenner — ERICH von STROHEIM
«Chicken» — Leonid Kinskey
Mr. Kern — Roman Bohnen
Ammers — Sig Rumann
Professor Meyer — William Stack
Barnekrogg — Lionel Royce
Dr. Behr — Ernst Deutsch
Policial suíço — Spencer Charters
Kobel — Hans Schumm
Juiz suíço — Paul Leysac



Josef Steiner, antigo oficial do Exército alemão, como tantos outros, é vítima da política nazista e, fugindo de um campo de concentração, espera refugiar-se na Áustria. Antes, porém, precisava avistar-se com sua esposa Marie, que devia estar sendo atrocemente martirizada pelos seus inimigos, sofrimento que ela suportava abnegadamente estimulada pelo grande amor que devotava ao seu marido.

Burlando a mais arguta vigilância dos agentes secretos da Gestapo, Steiner, sob disfarce de operário, encontra-se com sua mulher num mercado público. Ela está sob as vistas de espiões perigosos, mesmo assim ele consegue falar-lhe numa estranha e comovente entrevista, quando ambos lado a lado, sem olhar um para o outro, dando a impressão de que caminhavam naturalmente entre a multidão, ele diz-lhe tudo que desejava. Esse diálogo quasi mudo entre marido e mulher que não se viam há bastante tempo, em plena rua, à vista de todos e, especialmente, dos espiões que a vigiavam,

tem um significado muito eloquente do horror e da ameaça que pesa sobre eles. Entre balbucios imperceptíveis, transido de alegria por vê-la tanto depois, debil e amargurada sofrimento, ele diz que veio camente para pedir que ela divorcie, afim de cessar a perseguição, e poder viver tranqüilamente. Marie recusa a proposta que lhe faz o marido, cuja intenção ela bem compreende e é livra-la das garras nazistas, porque acima de tudo ama-o e ama-o sempre sejam quais as consequências.

Nesse minuto angustioso para ambos acontece qualquer coisa de extremamente sutil, mas que significa grave perigo. São os «secretos» que passam. Eles não vêm, mas sentem, farejam, são otimos cães de fila, que algo está acontecendo àquela mulher que passou de fisionomia transida e que eles têm obrigação de desconfiar de tudo, do menor movimento, do mais brando olhar e da mais inocente, porque é a esposa de um ex-oficial alemão que a Gestapo caça como a uma fêra. Há um frezezi na multidão que se conserva suspensa, na expectativa de um tumulto, ante a inquietude e atividade dos espiões. Estes em todas as direções, correm todos os sentidos, adivinhando qualquer coisa no ar... Steiner, que percebe, o perigo que a rápida situação que se transia, sem a menor contração nem que denuncie sua forçada realidade de humilde pedreiro, ligeiro e corajoso depois da urgente entrevista que manteve com sua esposa estremecida.

No seu esconderijo, juntamente com outros companheiros, ele tem a conhecer Ludwig Kern, um jovem, também como ele proscrito pela teoria racista do nazismo. Kern está mergulhado num profundo desgosto, incapaz de reagir ante a mágoa que o abate, por causa da trágica recordação do que aconteceu em sua casa, quando as tropas de assalto sacrificaram impiedosamente os seus pais levando-os para um Campo de Concentração onde morreram todos depois. Naquele desesperado momento jovem Kern encontra na esposa de Steiner um lenitivo para sua dor e começa a ter animo dor-tado pela afeição que lhe dispensa o ex-oficial, — um novo vigor que a adversidade lhe trouxe naquela pobre água furtada que estava escondido.

Steiner e outros, depois de numerosos obstáculos, burlando a vigilância das fronteiras, alcançam a Áustria. Em Viena, Steiner obtém um passaporte falso e assume outro nome, consegue um emprego num Parque de Diversões. É o antigo oficial alemão conhecido como uma jovem e encantadora, também refugiada que vive pelo mundo. Logo compreende a afeição de Milo, a qual só poderia corresponder como esposa e leal camaradagem, por ser a única mulher em sua vida e a sua esposa.

Após vencer todas as dificuldades, escapando das perseguições, Kern também chega a Viena ao encontro de Steiner, empregado no Parque de Diversões juntamente com o seu antigo desejo de Kern, após o fim de ter arranjado um emprego e Ruth Roland, do lado, uma estudante de medicina.



Cine Romance

quem se enamorara e tinha ficado na Alemanha, sem poder sair por falta de passaporte. Vencida essa dificuldade, com atropelos de toda sorte e ameaça de morte, um dia chegou, subitamente, a Viena a jovem Ruth, indo imediatamente ao encontro de Kern, cuja surpresa foi das maiores ao vê-lo num uniforme que vestem os tratadores de animais de Circo e Parque de Diversão.

Na Austria, a penetração nazista começava a se processar lenta e eficientemente com o auxilio da 5.ª Coluna, que localisava e perseguia os judeus e politicos alemães ali refugiados, empregando os mais execráveis processos de vilania e traição. Os anti-nazistas sentindo-se acossados pelos esbirros da Gestapo, escondiam-se e disfarçavam-se ante a ameaça constante de serem assassinados, enquanto outros procuravam no suicidio um refugio mais seguro, cansados que estavam da incerteza do amanhã e da luta que não podiam sustentar contra o poderoso inimigo.

Não tardou em soar a hora desesperada: A Austria acaba de ser ocupada inteiramente pelas forças de Hitler. Steiner, Kern, Ruth, como milhares de refugiados, estavam de novo sem pouso, sem abrigo, sem trabalho, á mercê de um destino impiedoso. A legião de refugiados mergulhava noutra noite de trevas. Suas familias desarvoradas, como uma nau sem leme, perdiam-se num imenso caos, tomando rumos diferentes: na morte, no desespero e no infortunio, com que lhes surpreendia um destino ingrato.

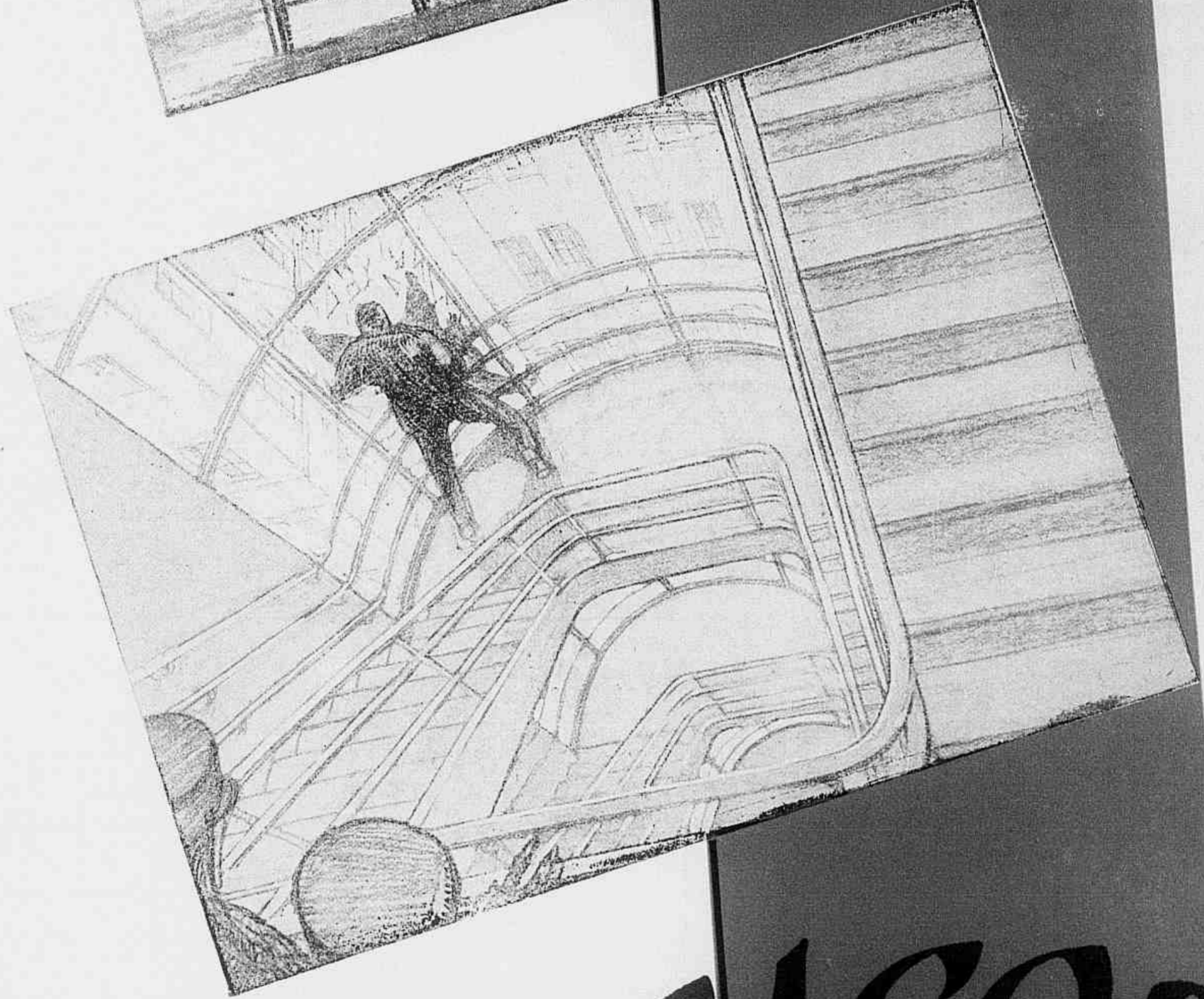
Na Polonia, na Holanda, na Belgica, os expatriados continuavam, sendo tangidos por terrivel perseguição. Não estavam seguros em parte nenhuma, porque em toda parte já tremulava a bandeira de cruz swastica das forças invasoras. Em toda parte estava o olho invisivel do quinta-colunista com a arma voltada para suas cabeças.

Mas eles tinham que seguir o seu destino, burlando todas as vigilancias, sem passaporte nem salvo-codunto, rompendo leguas pelos caminhos mais ingratos que já palmilharam o pé humano, enxotados por uma perseguição sem confronto na Historia de todos os tempos.

E a legião de refugiados marcha na sombra, numa fuga desesperada, incessante, furando o mundo como se fosse a propria encarnação do seu antepassado biblico.— Judeu Errante — caminhando atrás de uma Patria que os torne cidadãos. Vão para a França!

Lá na França, a terra berço da Liberdade e da Democracia, estava a Esperança de todos eles. Na **douce France** encontrariam a Patria adotiva que os receberia como filhos, de braços abertos! Lá encontrariam trabalho e tranquilidade, voltariam a viver porque até então vegetavam rolando pelas escarpadas ingremes e pelos caminhos tortuosos que se abriam na sua vida...

A França os acolheu. Em breve, todos trabalhavam sob o clima e o sol generoso da liberaade franceza. Ruth está empregada num laboratorio e já reiniciou seus estudos de Medicina. Steiner, Kern e todos os demais ganham a vida honestamente nas obras de construção civil, em pesadas tarefas, é verdade, mas todos estão satisfeitos, tranquilos, livres da barbarie e da perseguição da Gestapo. Só Steiner tem o olhar distante e o pensamento caminhando na sua frente, procurando alcançar aquela que o ama, a esposa adorada, que



NALIFRAGOS

preferiu enfrentar os requintes da ira nazista a viver uma vida menos atribulada, caso pedisse aos tribunais de Berlim que lhe concedesse o divorcio por ter desposado um oficial do Exército alemão, reformado politicamente pelo nazismo. Não! Ela preferiu o seu nome de casada, porque sua afeição estava acima do odio de Hitler, das teorias raciais e religiosas, era mais forte que a vontade e os preconceitos dos barbaros, era um sentimento nobre e leal que desconhece a lei dos homens e a força da brutalidade: era o Amor!

Mas o Destino tinha reservado para a França a surpresa esmagadora que em breve teria de abalar a consciencia da humanidade, com a infiltração que ali conseguiu fazer o nazismo, usando os mesmos processos de torpeza e hediondez já empregados em outros países. A 5.ª Coluna já estava no rastro dos refugiados, os agentes da Gestapo voltaram a impelir os repatriados na sua dolorosa via-crucis. A força poderosa de Hitler — o maior inimigo da humanidade — não tardou em arrancar a ultima ilusão de paz e tranquilidade daquele punhado de homens e mulheres que lutavam por um lugar ao sol, que tentavam reconstruir sua vida que a teoria racista tinha aniquilado na terra-berço.

Recomeça, de novo, o calvario e a angustia daquela gente infeliz. Vai-se repetir a traiciga odisséa

pelos fronteiras do mundo. O pensamento de todos volta-se para as Americas, — o continente da paz que não tarda em ser envolvido na fogueira que incendeia a Europa pela ambição nazista e a traição niponica!

A esposa de Steiner agoniza num Hospital, em consequencia da perseguição e dos sofrimentos que a abateram.

«Não ha mais esperança de salva-la» — diz a carta que chega ás mãos do antigo oficial alemão, trazendo a noticia confrangedora. Era o inevitavel.

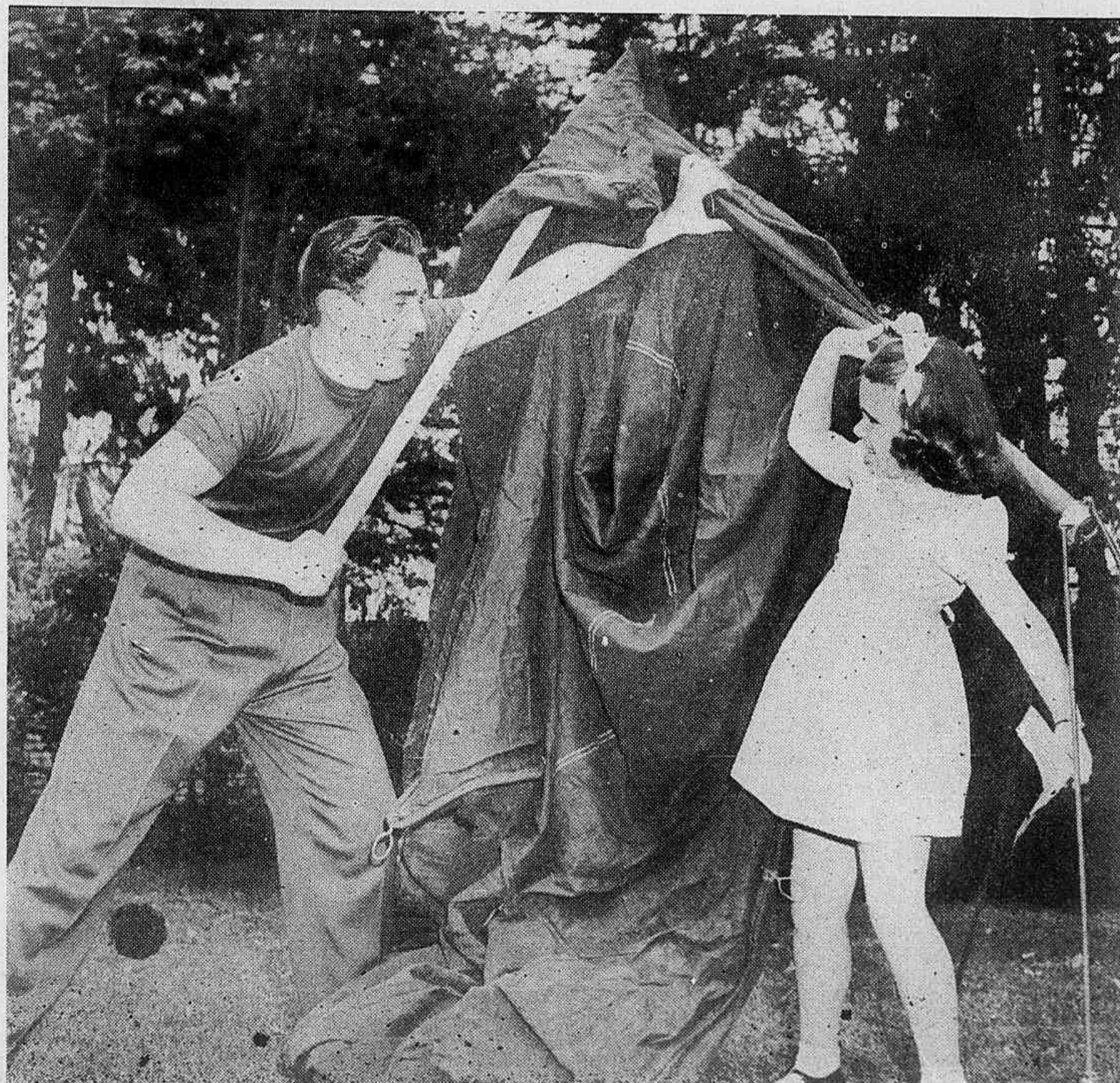
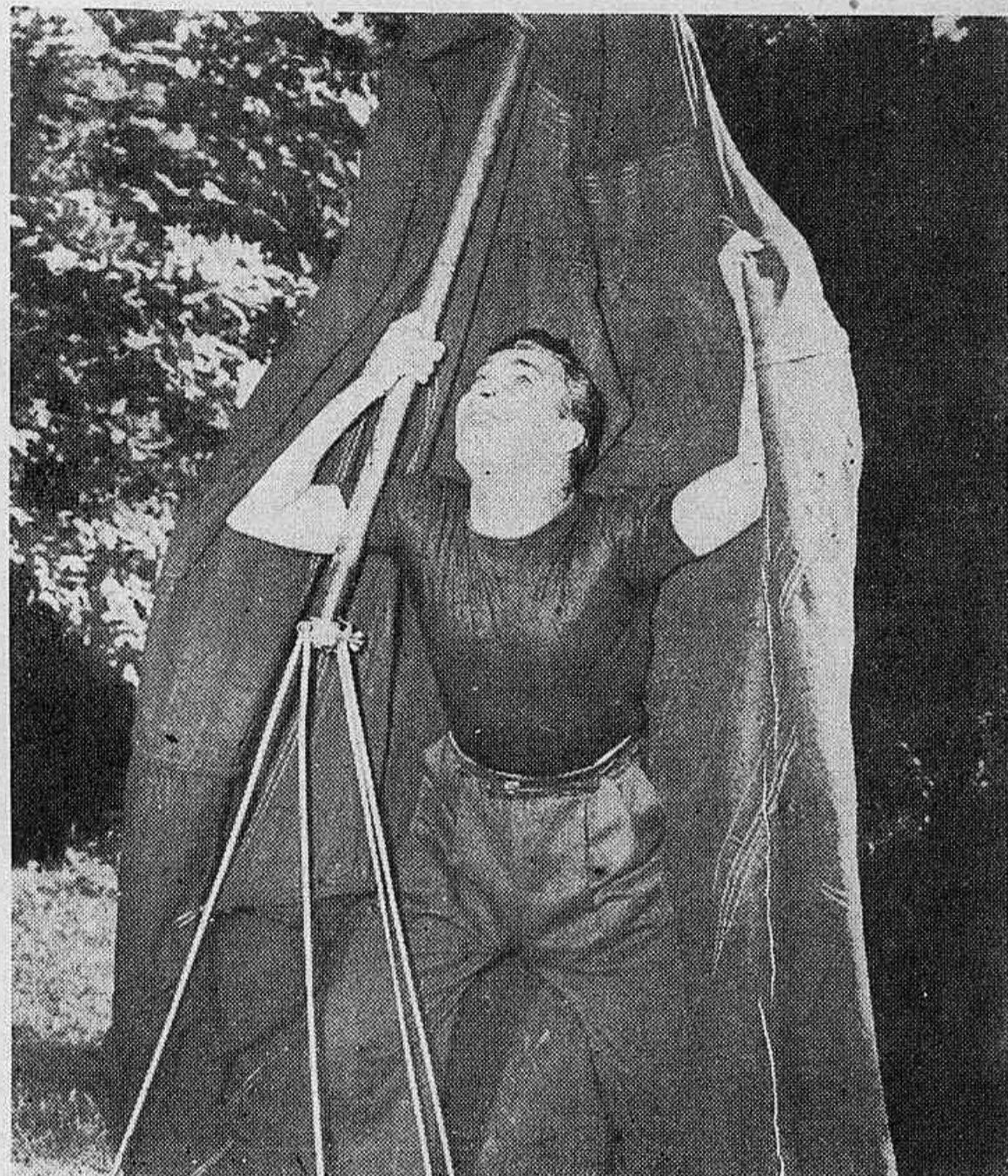
Steiner não vacila, não reluta, não mede consequencias nem distancia. E' preciso vê-la e vai. Retorna á Alemanha antevendo a surpresa que a aguardava. Chega ao Hospital e junto ao leito contempla a esposa moribunda. Seus olhos afogam-se num pranto e tambem agonizam na contemplação daqueles que se extinguem de mansinho, levando consigo todo o brilho que iluminava sua existencia. Sua dôr calada grita para dentro de si mesmo numa tristeza que o domina, abatendo a rigidez daquele homem audaz e vigoroso. Para ele tudo já estava consumado. Que importava agora, saber que nos corredores do Hospital os esbirros da Gestapo estavam a sua espera! O nazismo tinha-lhe arrancado tudo... Excéto a dignidade que se forjara nele com a intrepidez das convicções! Estava

vencido e disposto a trocar o resto da vida pela morte! Desalentado, sai do quarto levando na lembrança aquele minuto de despedida, como o maior bem que lhe deixara a esposa agonizante. No corredor, dois officiais que o espreitavam não o surpreendem mais. Já sabia daquele encontro que o Destino tinha marcado com ele, e deixou-se conduzir, para onde? para o fim talvez...

Levado á presença do official superior, Chefe da Gestapo, encarregado de obter delações, Steiner é submetido a um interrogatorio aviltante, onde lhe exigem que informe onde se encontram dois dos seus antigos camaradas, como ele ex-officiaes do Exército, reformados politicamente. Como premio dessa delação teria liberdade, perdão, passaporte e tudo mais que desejasse, caso respondesse ao certo. Obstinado a não cometer tamanha felonía, Steiner promete revelações preciosas, mas não ali em presença de outros e sim num gabinete reservado. O truculento official, radiante, antegozando o seu triunfo, leva-o para outro departamento. Durante o trajéto, justamente em frente a imenso **vitraux** num dos **halls** do alto edificio, Steiner, como um meteoro agarra-se ao chefe da Gestapo e ambos rompem o **vitraux**, jogando-se no espaço até caírem no pateo do edificio como duas massas inermes.



UM PASSEIO DIVERTIDO



Edmond O'Brien e Joan Carrol, sempre foram bons amigos apesar da diferença das idades. Ambos sempre tiveram mania por barracas; combinaram então ir passar o "week-end" abarracados na beira de um rio; uma maravilha!...

Ao alto, á esquerda — Ei-los a caminho, muito contentes conversando sobre o quanto iam-se divertir.

A' direita — Agora, mãos à obra! E parece que Edmond está atrapalhado com aquela barraca moderna. Até parece uma luneta!

Ao lado — Joan vem ajudar Edmond, mas parece que a barraca é mesmo encrocada, não arma de jeito nenhum.

Continua no próximo número

SERVINDO À "TIO SAM"



Ao lado:

Novo filme da família Hardy? Não, caros leitores, a foto nos mostra o veterano Lewis Stone servindo a Tio Sam. Sendo o "juiz Hardy" major da reserva, foi chamado para dirigir o Primeiro Regimento de Evacuação da Califórnia. E aqui o vemos na sua mesa de trabalho dando o seu visto. Que belo exemplo!

Em baixo:

Também as "estrelas", auxiliam "Tio Sam", umas vendem ações da Defesa Nacional, outras doam o seu sangue; Lana Turner auxilia o exercito distribuindo beijos aos que partem. Aqui a vemos em pleno serviço beijando Mike Arrand que nunca sonhou em ser beijado por Lana Turner. Que estímulo!...



Como surgiu o CINEMATÓGRAFO no Rio de Janeiro

Seus primeiros filmes e programas. — Astros e Estrelas que brilharam... — O que muitos fans desconhecem. — Reminiscências...

por SEBASTIÃO P. DE ALVARENGA

(Continuação)

"Chanson d'Amour", por Saar. Vitor:

O drama em 2 partes "A Kentucky Idyll" teve como galã o intrepido Jack Warren Kerrigan. Musicas: Whispering Flowers, (Blon); Berceuse, (Iljinski); Aubade, (Massenet); Presto, (Lake); Pure as Snow, Idyl, (Lange); Forget Me Not, romance (Guillaume) e Andante Religioso (Thome).

Os jornais cinematograficos da preciosa Fabrica Universal, a rainha dos filmes seriais, eram numerados e intitulados: "Sucessos Mundiais".

Vamos dar o nome de algumas marchas, que naquele tempo acompanhavam os assuntos internacionais no écran emudecido:

Electric Gallop
Universal City
Universal Peace
Life Preserver
Garibaldi
German Fidelity
For Love and Honor.

Dentre as centenas de jornais da época, exemplifiquemos o n.º 187 de 1915:

OS SUCESSOS MUNDIAIS

Washington, D. C.:

1 — 30.000 veteranos da guerra civil em sua reunião anual, marchando pela mesma avenida que no ano 1865.

O presidente revista as tropas veteranas.

2 — Abertura dum Campo de Recreio.

Crianças pobres divertem-se em um parque de repuxos. (Brooklyn, New-York).

(Uma ótima orquestra acompanhou os trechos acima com a marcha de Sousa "Semper Fidelis".)

3 — São Francisco, California: Vitimas dum submarino.

Regresso dos cadaveres dos que sucumbiram no desastre do submarino "F 4" dos E. Unidos.

Washington, D. C.:

Ceremonia em honra dos cadaveres que não puderam ser identificados.

Enterro de 14 vitimas.

(Musica: "Marcha Funera.l." por Hall.)

4 — Spokane, Washington:

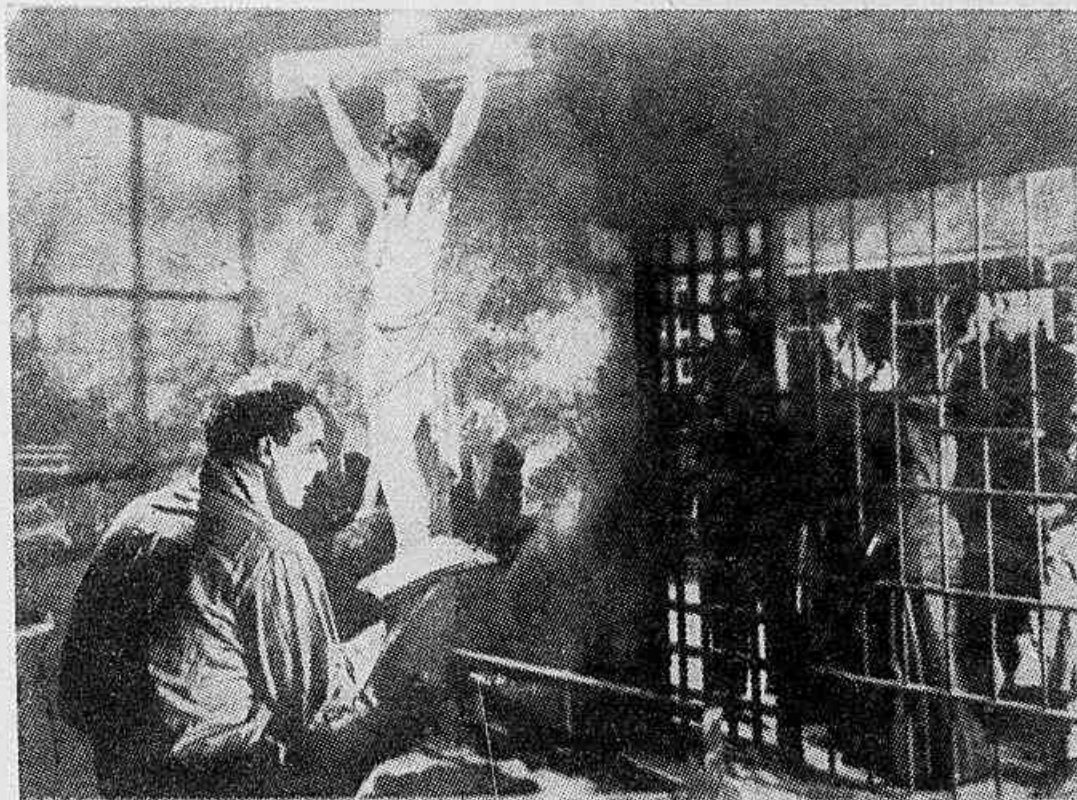
Dupla ascensão em Balão.

Exibição de paraquedas por insignes aeronautas.

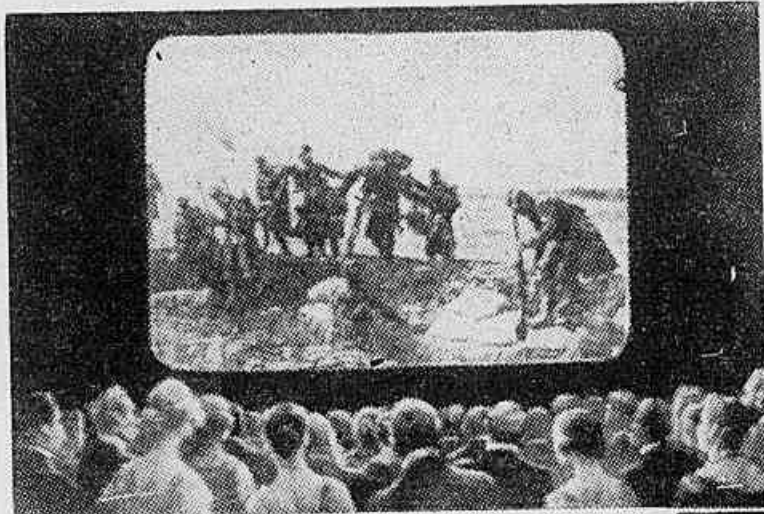
O touro maior do mundo, que custa 50.000 dolares, recebe o 1.º premio).

5 — San Diego, California:

Um favorito da tēla recebe homenagens.



O grande ator "House Peters" no grande filme moralista "Sublime Redentor", em Novembro de 1923.



Griffith assistindo ao seu grande filme de 1917: "Corações do Mundo."

O ator favorecido no concurso e sua consorte entram na exposição num carnaval cinematografico.

(Musica: "Universal City", marcha por Arthur).

6 — Londres:

Recrutas ingleses.

Soldados recentemente recrutados exibem-se numa parada.

Pedindo mais recrutas.



Obsequia-se ao Diretor da Banda com uma estatua.

(Musica: "Soldiers of the King", marcha por Parry).

7 — O principe-herdeiro da Alemanha passa Revista às tropas dos Husares.

O herdeiro ao trono da Alemanha passa revista a seu antigo regimento.

São José, California:

Orientação duma Cidade.

O clube "Rotary" dedica-se a pôr nomes nas ruas desta cidade.

(Musica: Old Comrades, marcha por Teike).

8 — Londres:

As tropas inglesas marcham diante dum herói da Legião de Honra.

9 — Universal City, California: Notabilidades na Cidade Universal.

O ex-residente, sr. Taft, presencia os ensaios cinematograficos.

O sr. e a sra. Nicholas Longworth.

A celebre cantora Melba com um urso.

Soldados Cidadãos — Fort Sheridan:

Voluntarios dirigidos por officiais do exercito americano num acampamento de exercicios.

(A marcha de Parry "Soldiers of the King" foi executada nas 2 cenas acima).

10 — São Francisco, California:

Destruição duma fragata antiga.

"Independencia", o orgulho da esquadra americana em 1812, é destruida para fazer uso de seu material.

Bailarinos no Ar.

O casal Vernon Castle, famosos bailarinos, recebem lições para voarem em aeroplano.

11 — Princeton, New-York: O presidente dos E. Unidos nas eleições.

O executivo da nação viaja da capital a seu povo natal para votar nas eleições.

(Musica para ambas as cenas: "Universal City", marcha de Arthur).

12 — Caricaturas, pelo famoso caricaturista Hy. Mayer.

(Para os desenhos foi desempenhada a marcha "National Spirit").

(Continua)

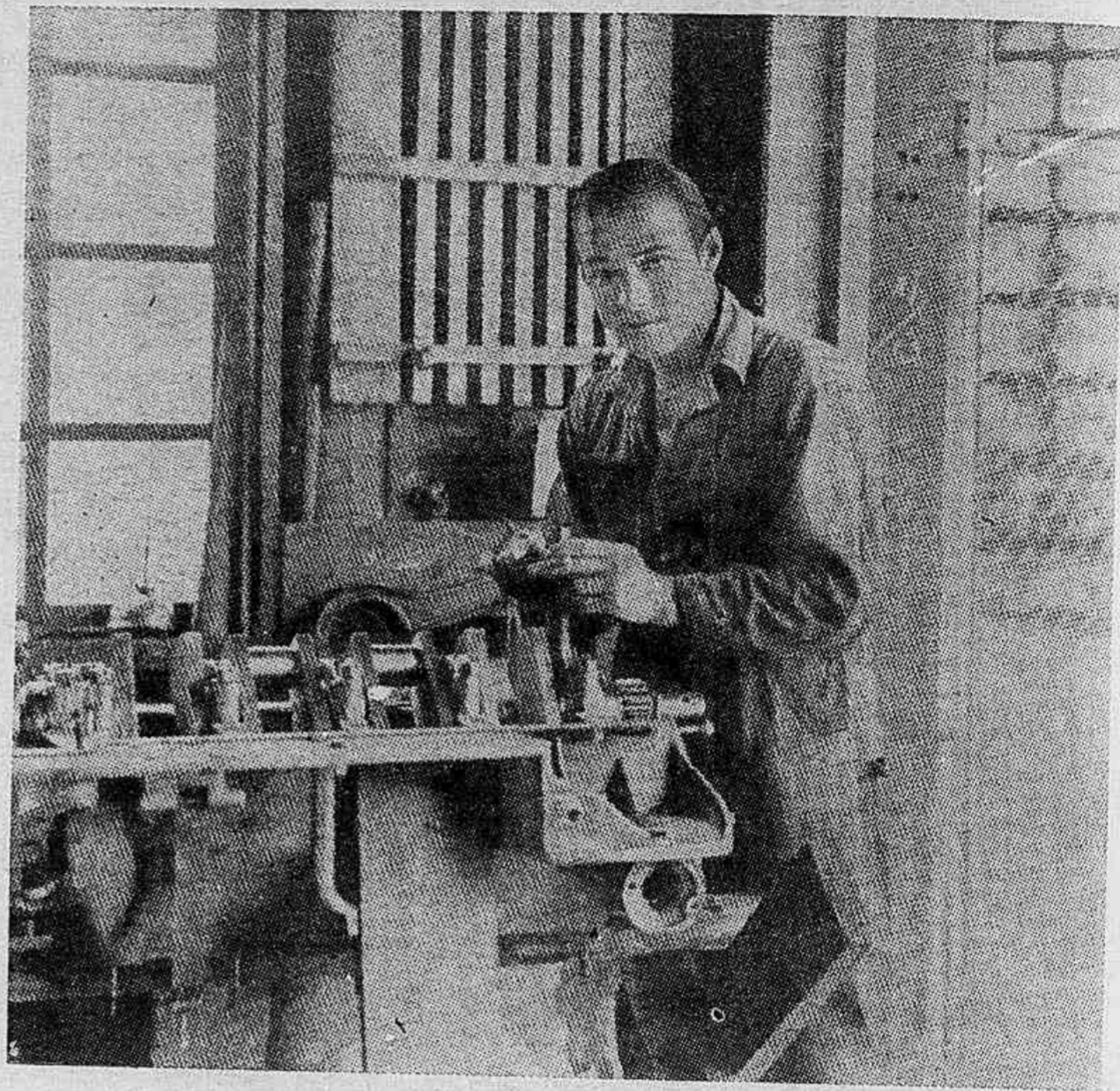


Marguerite Clark em "Branca de Neve e os 7 anões", ha 22 anos passados.

A sucursal desta revista na Capital do Estado de São Paulo está a cargo da "Agencia Siciliano", á rua D. José de Barros, 323 - Telef. 47866



Pose natural, tomada após um dos seus últimos trabalhos.



Trabalhando de mecanico em sua garage montada por ele.

RODOLFO VALENTINO E SUA VERDADEIRA PERSONALIDADE

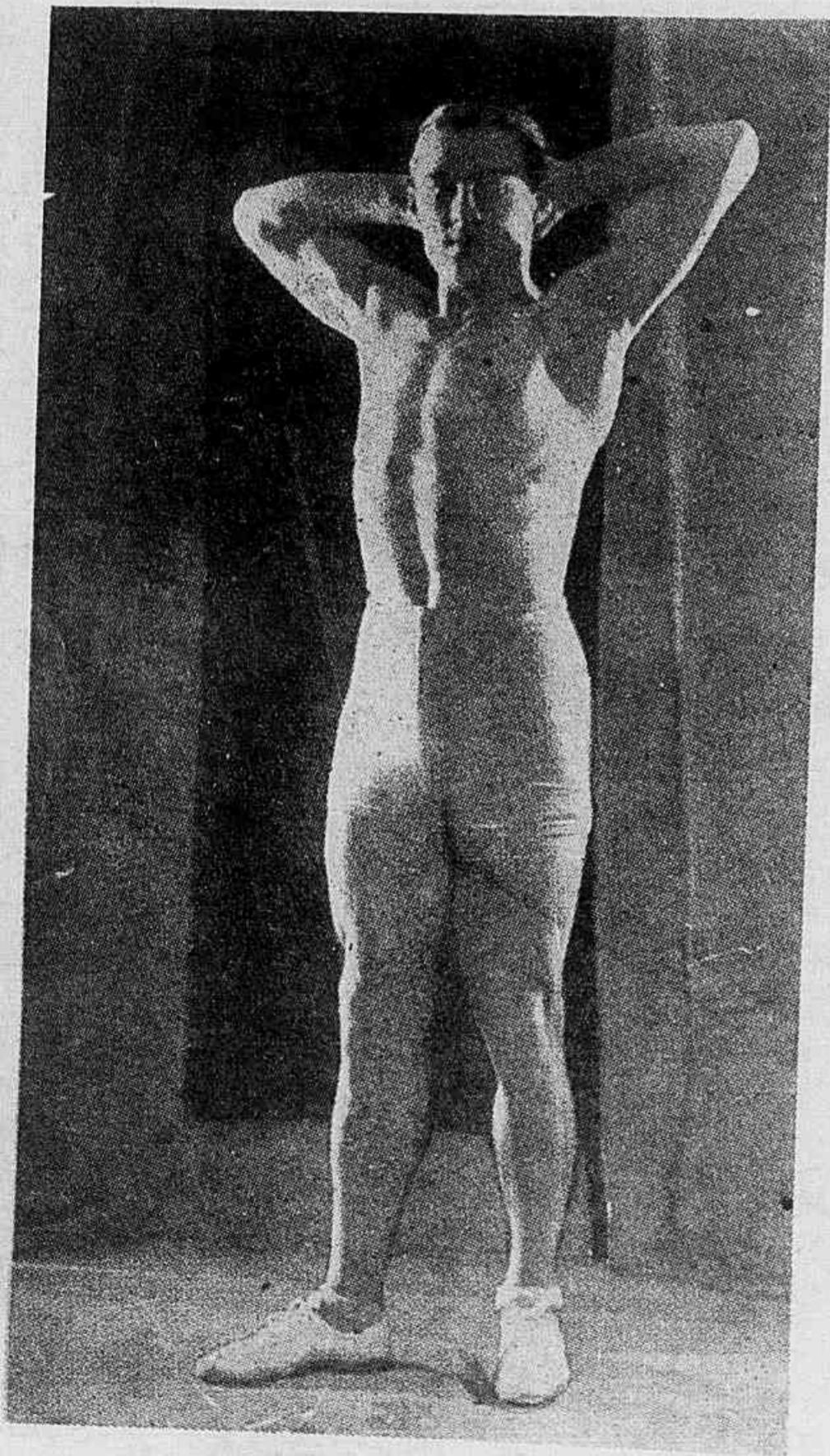
O que se dá, ás vezes, na literatura, observa-se no cinema. Albino Forjaz de Sampaio, quando espalhou em Portugal e no Brasil aquele sensacional «Palavras Cínicas», todo mundo o julgou um ser desprezível, um moço-velho, roído de inveja, de despeito, de amargores dalma, de desilusões atrozes. Entretanto, Albino era filho exemplar, jovem estimável, cidadão pacífico, acolhedor e amigo...

O artista que se especializou a interpretar papeis de vilão, é para o publico um ser repugnante; a estrela que faz sempre o papel de vamp, é apontada como pessoa temível, capaz de destruir o lar de Cornelia...

Rodolfo Valentino foi o maior galã do Cinema até hoje; mas, em virtude da escola romantica a que serviu e á qual estava subordinado, o inesquecido Rudy sofreu certos conceitos que não representam, evidentemente, o verdadeiro sentido a respeito de sua personalidade. Essas apreciações algo deprimentes brotam da palavra dos fãs de hoje, das gerações que só conhecem Valentino através de ilustrações antigas, de biografias sinteticas, incompletas, ou através de tradições orais. Com

efeito, quasi todos os filmes de Valentino o apresentam como um individuo afeminado, pueril, imerso naquele romantismo cheio de lirios e verbenas que o seculo XIX espargiu na literatura e no cinema ainda em alvorada. Mas, a culpa lhe não cabe. O artista foi vitima da escola filmica a que pertencia; seu tipo obedecia a determinações mercantis dos produtores, cujo instinto comercial viu nessa especialidade a garantia maxima de exitos de bilhetaria. As mulheres das gerações de Rodolfo Valentino viviam fascinadas pelo galã inimitavel, como os fanaticos sob a magia dos profetas. Esse rapaz exercia nos corações femininos a influencia do monge russo na familia Romanoff.

Os seus ademanes, seus gestos e atitudes algo feminis, não eram a resultante da natureza propria tudo aquilo era estudado, planeado pelos directores de filmagem para dominar as mulheres. Valentino tinha grande talento artistico, muita cultura e era possuidor de fisico atletico. Desde pequeno, aos onze anos, já órfão de pai, ele ingressara em bons collegios na Italia, procurando matricular-se depois na Academia Naval. Mas, quizeram os fados que não fosse marujo,



Rodolfo num dos seus exercicios diarios, exhibe a vigorosa musculatura de atleta.



Confronto entre Rudy e Ty Power, numa cena de «Sangue e Areia» o maior filme de Valentino na opinião de Charles Chaplin.

e em 1913, viesse para os Estados Unidos a bordo do «Cleveland», onde chegou a 22 de Dezembro. Ao entrar a Itália na guerra, ele se apresentou voluntariamente para servir na aviação do que fizera curso em Mineola, recordando-se das palavras de seu pai á hora da morte: «Meus filhos, amem sua mãe; mas acima, de tudo, amem sua patria!» O pai de Valentino era capitão de cavalaria do exercito italiano, homem de rara energia, brioso e patriota, havendo dado aos filhos severa educação. Valentino possuía a mesma inclinação paterna para a carreira militar, o que não pôde alcançar naquele tempo, por certas deficiências antropométricas e, na arma aerea, por defeitos de visão. Quando ele surgiu em Hollywood, teve como seu introdutor social, o sportman Douglas Gerrard, diretor do Clube Atletico de Los Angeles que se entusiasmou com a performance de Rodolfo e com o seu fisico de atleta. Foi, aliás, numa dessas reuniões elegantes que ele conheceu Jean Acker, sua primeira mulher, graças á estrela Pauline Frederick.

Nunca se amedrontou em face de qualquer situação perigosa, fosse frente a frente com o imprevisto, ou face a face com outro homem. Todos nos lembramos daquele desafio viril que lançou Valentino ao cronista de «A Tribuna» de Chicago, a 19 de Julho de 1926, em face de um artigo insultuoso á sua origem.

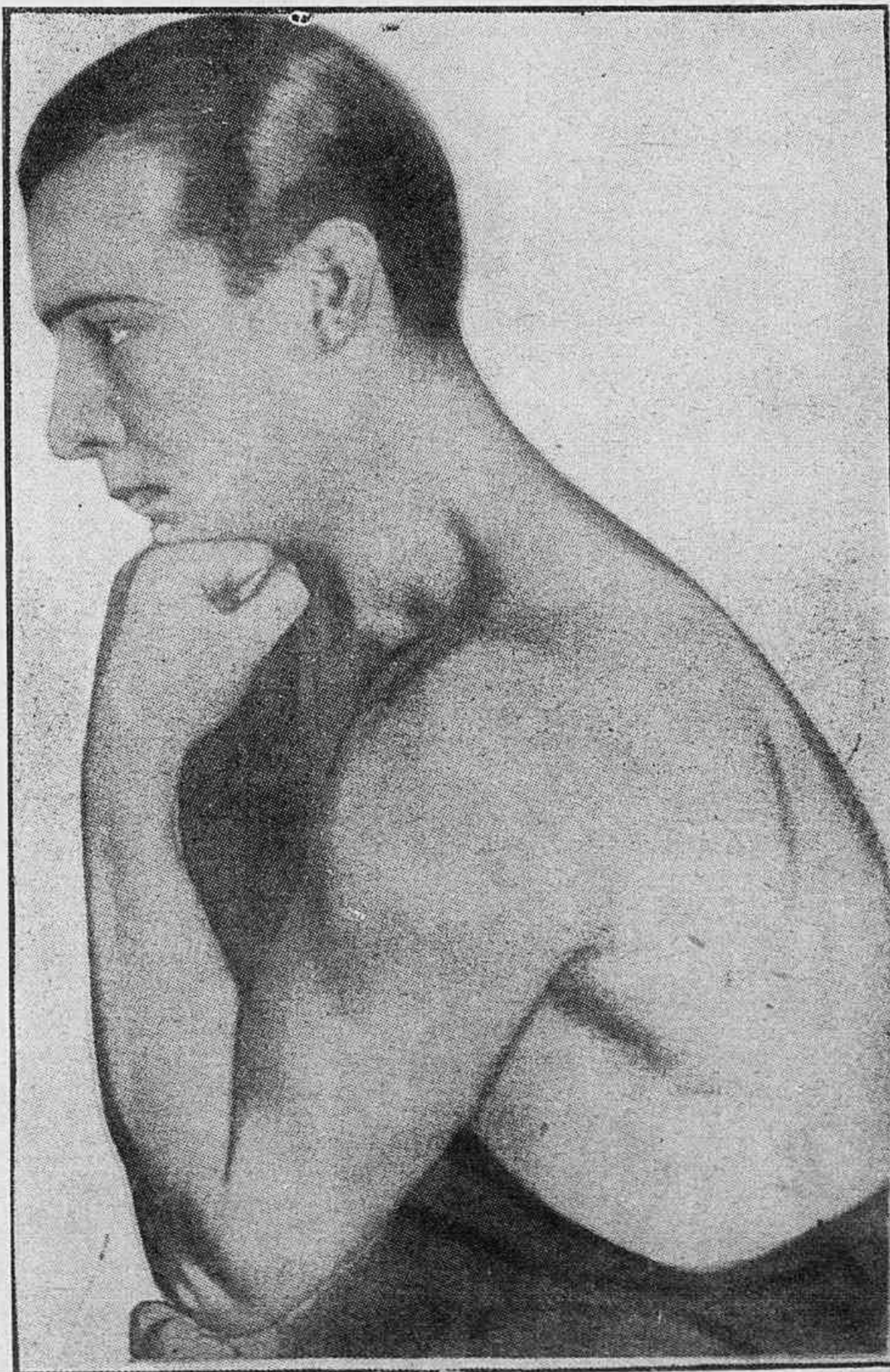
Pois bem, o desafiado era o lutador Buck O'Neil, que aceitou a luta e foi a Nova York medir forças com Rodolfo Valentino, que

o bateu de forma surpreendente! Vencido, Buck teve estas palavras: «Ninguem se engane! Este rapaz tem um sôco como o coice de um cavalo» (**Don't make any mistake! That boy has a punch like a mule's kick.**)

¶ Aí está. Para que buscar mais provas de que Rodolfo Valentino não era um molengas, um homem amulherado, futil, despersonalizado em face do seu sexo?

O engano em que a mocidade de hoje incorre a respeito da masculinidade do grande astro, reside na tradição de seus filmes, quase todos vãsados no sentido do romantismo, da poesia amorosa de um grande apaixonado... na tela. Mas, como se nota em varios escritores, tambem os artistas, do palco e da tela, quase sempre não são o que parecem ser na interpretação artistica; a verdadeira personalidade está na vida intima, no lar, na familia, no clube, enfim, na existencia fóra dos sets ou das gambiarras.

Para ilustrar estas linhas dedicadas áqueles que não conheceram Rodolfo Valentino como os fãs de gerações passadas, de forma que possam modificar, por ventura, errados conceitos em torno da verdadeira personalidade do grande astro do cinema silencioso, oferecemos fotos que falam por si mesmas, ratificando exuberantemente o que nos propusemos demonstrar: Rodolfo Valentino não era o artista despersonalizado que muitos julgam ter sido; era um atleta, um jovem forte, entusiasta, audaz, corajoso, a quem nada metia medo e para quem nunca houve a palavra covardia.



Perfil de Rodolfo Valentino.



MANDE TAMBEM SUA CRITICA



FILMES EM REVISTA

"SEU ULTIMO REFUGIO" — (*Warner*) — O início do filme é interessante e nos faz pensar num belo estudo psicológico sobre o "gangster" que deixa a prisão crente na possibilidade de uma nova "vida". Mas a história continua com lances desconcertantes em que saltam à vista novos e brutais crimes do personagem, esquecendo-se do que esboçara a princípio, para terminar com aquele pretensamente espiritual "Free! Free!" na boca de Ida Lupino, que é de um mau gosto absoluto, após tantas situações tipicamente "gangster". A direção de Raul Walsh é infeliz em conjunto; cenas como aquela em que o campeão descobre a identidade do visitante, impressionam pessimamente, pois aquele "Você é o bandido Joel Earl" seria substituído com vantagem por um detalhe (por exemplo, o de um jornal ao chão, sublinhando expressões fisionômicas), o que seria muito mais convincente e cinematográfico. O que impede o fã de deixar o filme pelo meio, é a interpretação correta de Ida (que dizem estar admirável em "Ladies retirement" da Columbia), Humphrey Bogart (lembram-se dele como "bom" naquela pungente cena da estrebaria em "Victoria amarga"?) e desse velhinho magnífico que é Henry Travers. Joan Leslie, que nos agradou um pouquinho em "Tragedia no circo" (outra preciosa coleção de banalidades), tremendamente ruim está à cena do choro na cama. É só. Felizmente, o cinema lançador não cobrou 6\$600 pelo ingresso.

Cotação: — REGULAR.

"AO COMPASSO DO AMOR" — (*Columbia*) — Fred Astaire, depois daquele interessante repertório de comédias musicadas (algumas deliciosas mesmo, como "Ritmo louco" e "Vamos dançar"?) com Ginger Rogers, foi muito infeliz em suas novas apresentações sem a sua companheira predileta, que a produtora passou a tratar com mais carinho, do que resultaram realizações como "Stage door", "Quero ser feliz", "Kitty Foile" e "Seus três amores". Mas esta comédia da Columbia, "Ao compasso do amor", serve para rehabilitar o grandíssimo dançarino de Hollywood, que é, às vezes, um esplêndido comediante, constituindo ao mesmo tempo, um passa-tempo bem agradável. Os "numeros" de sapateado e revista, chegam a ser mesmo deliciosos, sem escadarias infinitas, cenários espantosos e outros elementos "goldwynos". Além disso, a comédia tem momentos muito felizes e a direção de Sidney Lanfield, embora sem facetas excepcionais, é conduzida com acerto e oportunidade. Aquele motivo da pulseira está de fato bem aproveitado e há situações até mesmo imprevisíveis, com um sabor de ineditismo. Rita Hayworth está bem ao lado de Fred e tentadora como sempre. Robert Benchley, a fina e deliciosamente antipática Frieda Inescort, Donald Mc. Bride

(impagável com aquelas cenas da lanterna), John Hubbard e Guinn Williams completam o elenco desta comédia de ambiente militar, que serve como um atestado de que, apesar da situação atual, o americano continua um povo jovial e confiante, capaz de arrancar da guerra motivos para duas horas alegres de diversão, que deixam o espectador com boa disposição.

Cotação: — BOM.

"JUSTIÇA" — (*Universal*) — Este "far-west" tem todos os "matadores" e o que nele mais impressiona é justamente a obediência do seu clima à simplicidade primitiva do genero. Não tem, portanto, a direção de Allan Dwan, maiores preocupações, além de "ambientá-lo" à moda antiga, o que faz com acerto. O "cast" interessante, dá-nos um Franchot Tone algo deslocado, o ótimo Broderick Crawford, com a sua agradável cara de incorrigível brigador e formando com Mischa Auer e Andy Devine um trio bem divertido. Warren William e Porter Hall nos vilões e Peggy Moran na "mocinha" (desta vez o termo está bem aplicado...). A luta inicial faz lembrar "Atire a primeira pedra" e nos deixa com saudades deste estupendo "western" de George Marshall, o melhor, sem duvida, que o falado já nos deu.

Cotação: — REGULAR.

Messias.

UM RAI DE SOL

"Um raio de sol" é uma comédia muito bem arquitetada, aproximando-se bastante da forma cinematográfica. Nela é esboçada uma nova orientação para os futuros celuloides de Deanna Durbin, cujo desenvolvimento físico a par com o seu novo estado civil, obriga os produtores de seus filmes a lhe darem uma feição diferente e nos quais nem sempre se enquadrará essa deliciosa atmosfera de leve espiritualidade, que tem sido o grande apanágio de suas realizações. Os momentos de ternura e lirismo estão em "Um raio de sol", mas seguidos de perto por um toque de malícia, se bem que delicado, condizendo perfeitamente com o ambiente e as situações em que se envolve a "afilhada" de Joe Pasternak.

De fato, são varios os setores a concorrerem para que a nova apresentação de Deanna contrarie a classe de "fãs" que considera o prestígio dos artistas que iniciam as suas atividades ainda crianças uma questão de tempo. O "scrit" traz a assinatura do veterano e querido Hans Kraly (com a colaboração de Norman Krasna), responsável, entre outros, pelo excelente "cenário" daquela deliciosa comédia de James Whale, "Quando a luz se apaga" (By candlelight), que vimos em 1934, e também pelo de "Cem homens e uma menina", tornando-o este talvez o mais cinematográfico dos "musicais" a que já assistimos. Henry Koster, por sua vez, dá-nos o seu melhor tra-

balho diretorial até agora, com uma narrativa macia, fluente e uma movimentação de "camera" sempre precisa, deixando patente que teremos em futuro talvez não muito distante, um orientador cinematográfico de grandes recursos. Atestam-no aquelas imagens do princípio, quando Robert Cummings vai se aproximando do pai agonizante; a apresentação daquele hotel elegante e alguns de seus hóspedes (observem aquele detalhe de mãe e filha que comentam em voz alta as "descobertas" do médico); a apresentação daquela casa de cômodos, motivada pelo canto de Deanna; e principalmente quando Charles Laughton vai a procura de Deanna e ela não consegue disfarçar a emoção que lhe causa a significativa visita. Os olhos argutos de Charles vão pousando sobre os retratos e os moveis, enquanto ela, emotiva, canta uma melodia triste ao piano, para não lhe dizer diretamente o que se passa em sua alma. É este um momento muito bom, quer como cinema, quer como composição poética. Além disso, Koster desenvolveu com leveza aqueles ininterruptos "gags", desencadeados pelo surpreendente despertar do enfermo, situando a comédia num bom clima até as últimas cenas com a repetição dos "gritinhos". A rápida sátira à imprensa; os "corvos" do Museu Nacional, a caixa de charutos; as cenas na estação ferroviária; a inesperada aparição daqueles empregados de uma loja qualquer, trazendo a roupa de luto; a costeleta de carneiro no "smoking" de Laughton... — motivos bem pitorescos na alegria constante, mas prudente, que, passadas as "nuvens negras" que nos fizeram lembrar aquele admirável "Se eu tivesse um milhão", passa a dominar o espetáculo.

Deanna, que canta pouco e incidentalmente apenas, mostra que, se soubesse aproveitá-la devidamente na nova fase de sua carreira, (achei pessima aquela ideia da Universal em refilmar com Deanna o "O fantasma da Opera", continuaria impondo-se como uma comediante de recursos, grande sensibilidade. A cena culminante em que o "Special Reynolds" motiva uma demonstração decisiva do que se passa em seu coração, empolga-nos uma emoção suave e ficará como um dos seus mais felizes momentos. Laughton, que nem sempre nos pareceu um grande ator (no sentido cinematográfico do termo), está de fato bem dirigido desta vez, descartando-se de sua tarefa de maneira agradável e brilhantíssima. Cummings, Walter Catlett no medico, Guy Kibee no bispo, Catherine Doucet, Charles Coleman (era fatal) no mordomo, Margaret Tallichet e Dorothy Kent, todos bons tipos. E Rudy Matté fotografou na forma magistral do costume.

Bom filme, o melhor mesmo das ultimas semanas — harmonico, equilibrado, divertido e agradável.

Cotação: — MUITO BOM.

Messias.

A GRANDE MENTIRA

Eu fiquei decepcionado com "A Grande Mentira". Anunciado com a largueza que as verdadeiras super-produções reclamam, ninguém tinha duvida, antes de vê-lo, de que se tratava de um grande filme. Isso, embora proclamado, não passa de uma grande mentira dos anuncios, porque a película, no meu modo sincero de apreciar cinema, é, só, um filme comum, merecendo que se ponha em relevo, apenas, a direção de Edmund Goulding, que é de veras notável, quer na simplicidade como sabe "apanhar" certos labirintos da historia, quer naqueles recuos de "camera" em que é marcante a sua direção, uma das mais agradáveis do cinema. O entreccho, além de banalissimo, quase monotono, e, por vezes, pendendo para o teatral (a arte parecida, mas, diametralmente oposta da cinematografia) — é até imoral. Não sei como a censura permitiu filmar-se essa historia de alcova com toda nudez e todo asco que ela encerra, apesar da tapeação daquela musica que, diga-se de passagem, também nenhuma graça tem. Quero dizer que, em tal película, parece que quiseram aproveitar o "cartaz" da grande Davis e, com uns ambientes vulgares, uma historia sem importancia e umas sequencias logomaquicas, preparar uma fita para se ganhar dinheiro, porque não há quem se furte de ver um espetáculo de Bette Davis.

George Brent, que, dia a dia, melhora mais no cinema, tem um papel de pouca oportunidade, embora seja o "centro" do tal enredo indecente. Quero eximir-me de esclarecer sob que ponto sociológico se me afigurou imoral "A grande mentira", a maior mentira cinematográfica destes ultimos tempos, reservando-o aos "fans" de La Davis (como eu, aliás) que poderão me dar razão, ou... desmentir-me, já que se trata de "uma grande mentira". Saliento a figura da preta Hattie Mac Donald, que dá muita graça e colorido às cenas familiares da película em apreço. O desempenho de Bette é bom, o filme é que a coloca no chinelo, dando quase toda chance a Mary Astor, que, embora mal penteada, com aquele cabelo à homem e aqueles vestidos mal assentados no seu corpo esguio e taboado, "rouba" à estrela de tantos sucessos absolutos como "Juarez", "Victoria Amarga", etc., muito da sua atuação. Fraca, a musica de Max Steiner. Não fosse ser a Davis ainda uma estrela de grande brilho e eu começaria, com esse filme, a duvidar do seu sucesso; e principiaria, mesmo, a crer no começo de uma paralaxe. Mas, não, senhores. Depois da grande Garbo, Davis ainda é a estrela de maior cintilação no firmamento de Hollywood.

Zoroastro G. Figueiredo.

Salvador — Bahia.



CANDIDATO GAIATO

No ginásio de Centerville, Henry Aldrich era tido como um palhaço, isso porque era brincalhão e tinha uma piada para qualquer momento; mas apesar do seu conceito no seio da turma, apresenta-se como candidato ao posto de presidente da turma. Quem induzira Henry a aceitar a candidatura fôra a loura e linda Geraldine Adams, que o convence não porque o admirasse mas unicamente porque assim haveria maior divisão de opiniões, o que favoreceria ao seu candidato, o orgulhoso e rico Irwin.

O que Geraldine não queria absolutamente era que fosse eleita a encantadora Phyllis Michael, sua inimiga no pleito e principal concorrente de Irwin.

Henry, que fôra logo apelidado de Candidato Gaiato, leva a sério sua candidatura e, ajudado por seu amigo Dizzi, inicia uma campanha à velha moda com passeatas, muito barulho e espalhafato.

Phyllis, sendo uma ardente admiradora de Henry, decide apoiá-

Nome em inglês: "Henry Aldrich for President" — Filme da Paramount

Duração: 76 minutos

PERSONAGENS

Henry Aldrich — JIMMY LYDON
Geraldine Adams — JUNE PREISER
Phyllis Michael — Mary Anderson

Dizzy Stephens — Charles Smith
Mr. Aldrich — John Littel
Mrs. Aldrich — Dorothy Peterson
Mary Aldrich — Martha O'Driscoll
Mr. Bradley — Vaughan Glaser
Ed Calkins — Rod Cameron
Irwin Barrett — Kenneth Howell
Mr. Crosley — Lucien Littlefield
Mr. McClosky — Irving Bacon

Produção de SOL C. SIEGEL
Direção de HUGH BENNETT

lo e para isso retira a sua candidatura, tornando-se uma das suas mais ardentes e entusiastas auxiliares.

Irwin, o menino rico, quer ganhar as eleições de qualquer maneira, e para isso, querendo ser popular à força, paga sorvetes a todo mundo, enche a cidade de folhetos, consegue até mesmo que o antipático professor Crosley escreva para ele um discurso, violando desta maneira o regulamento do ginásio.

Chega afinal o dia do grande "meeting" eleitoral, e Henry ainda não tem pronto o seu discurso. A sua aflição porém diminui quando lhe aparece Dizzy com uma cópia do discurso de Irwin, dizendo que fôra ele quem o escrevera para Henry.

Irwin fica furioso ao ouvir o seu discurso lido por Henry; faz então um escândalo tal que todos os alunos se retiram deixando Henry às moscas.

Aquilo no entanto não alterou

a impopularidade de Irwin, sendo Henry eleito. A alegria do rapaz dura pouco, porque o diretor do collegio descobre que os votos haviam sido falsificados. Era mais uma "inteligencia" de Irwin para desmoralizar Henry.

Expulso do collegio, Henry prepara-se para deixar Centerville justamente quando as coisas estão mesmo "pretas". Entrementes, Dizzy e Phyllis descobrem que os votos falsificados e os folhetos de Irwin tinham sido impressos na mesma tipografia.

Os três mosqueteiros, Henry, Phyllis e Dizzy, saem à procura do tipografo e já estão quasi desistindo, quando vêm a saber que o impressor fôra um tal de McClosky, que se encontra a 200 milhas dali.

Henry, em desespero de causa, recorre a um amigo, Ed Calkins, um piloto que lhe ensinara a voar secretamente. Ele perdera a sua licença e não podia voar sob pena de prisão. Mas assim mesmo con-



É bom para VOCÊ também!

NUNCA é cedo demais para usar Kolynos. As crianças, especialmente, precisam da protecção superior que só Kolynos lhes pode dar.

Porque Kolynos não só conserva o brilho dos seus dentes e a saúde de suas delicadas gengivas, mas também protege-as contra muitas infecções perigosas que têm origem na bocca.

É facil habituar as crianças ao uso de Kolynos, porque ellas adoram seu agradável e refrescante sabôr.



CINE
Caricaturas



corda em levar Henry até ao desonesto McClosky.

Lá encontram o tipografo e tambem um inspetor de aviação.

Henry, para proteger Calkins, sobe com McClosky ao avião e levanta vôo. Como Henry nunca voara sozinho antes, Calkins alarma-se e telefona para Centerville.

Quando Henry chega à cidade, uma multidão o espera, certa de que ele destroçará o avião ao aterrisar. Aterrorizado, McClosky confessa que, realmente, imprimira os votos falsificados. Satisfeito, Henry agora pode voltar para junto de seus amigos, com o nome rehabilitado, por todos os titulos merecedor de ser presidente dos alunos do ginasio.

Como aterrisar, porém? — Coragem, Henry; fazemos votos para que você chegue inteiro em terra, onde o espera um abraço de Dizzy, um "carão" de papai Aldrich e um beijo carinhoso de Phyllis.

ABRAHAN LINCOLN FOI REPRESENTADO NA TELA 26 VEZES...

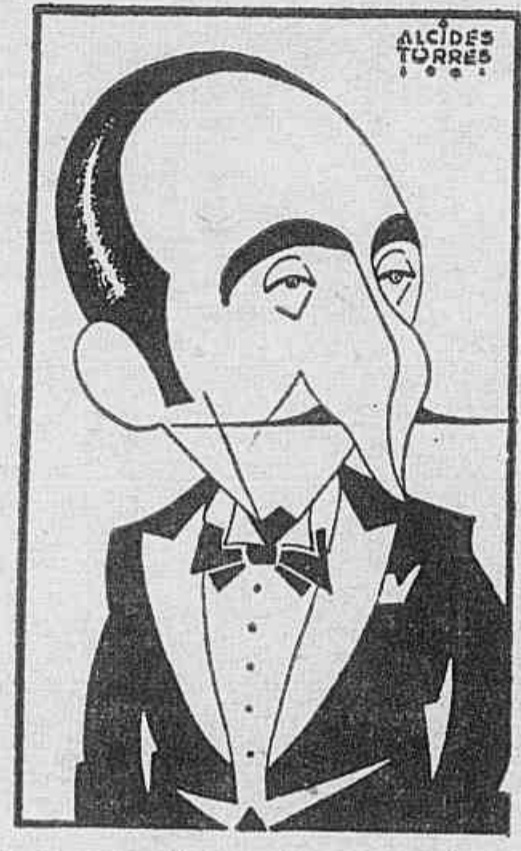
(Serviço exclusivo do "SABUNI INTERNATIONAL SYNDICATE" Holl. Cal. U. S. A., para A CENA MUDA).

Abrahan Lincoln, o grande patriota norte-americano cujo natalicio foi celebrado nos Estados Unidos no dia 12 de Janeiro de 1942, tem sido representado no cinema maior numero de vezes que qualquer outra figura historica, segundo o depoimento do conhecido tecnico de "maquillage" Max Factor Jr.

As provas conservadas por Factor nos seus laboratorios de "maquillage" demonstram que Lincoln foi caracterizado em filmes 26 vezes, desde que o foi pela primeira vez há vinte anos no grande filme "O Nascimento de Uma Nação".

A figura historica que o acompanha de perto em materia de caracterizações é a de Theodore Roosevelt, com 19 vezes. Em terceiro lugar, George Washington e Ulysses S. Grant, com 16 vezes cada um, embora no ultimo caso Grant haja sido apresentado com mais frequencia como general do Exercito do que como chefe da Nação. Andrew Wilson apareceu no cinema 12 vezes, Woodrow Wilson quatro e Thomas Jefferson, três.

Declara Factor que é muito facil caracterizar um ator para que



Adolphe Menjou, por Alcides Torres.



Joan Crawford — A. Barros (Belo Horizonte).

represente Lincoln, especialmente na epoca em que o grande patriota era ainda um desconhecido. As caracterizações oferecidas por Walter Huston e Raymond Massey terão sido as melhores vistas na tela tanto pelo valor dos artistas que as apresentaram, como pela "maquillage" ostentada.

Prediz Factor que, futuramente, o atual presidente Roosevelt será caracterizado no cinema tantas vezes quanto o tem sido Lincoln. O "maquillage" que será necessario para representá-lo será muito mais difficil de conseguir que o necessario para representar Lincoln, segundo a opinião do proprio Factor...

LARAINÉ DAY — a conhecida enfermeira da serie "Dr. Kildare", casou-se a 27 de Maio ultimo com Ray Hendricks, oficial instrutor da arma aerea dos Estados Unidos em cerimonia bastante simples. Depois do enlace, seguiram para Fenix, Arizona, onde o noivo está servindo.



Bette Davis, em "The man who came todinner" — por Basti.



Tyrone Power, de Alcides Torres (S. Paulo).

Evelyn Keyes, que tem o principal papel feminino de "Que Espere o Céu", durante a filmagem usou meias pintadas nas pernas, e que eram facilmente "retiradas" com agua e sabão, depois do trabalho...

"D. Stela" tem pensão de verdade

(Continuação da pagina 6)

crônica e no conto, Arthur Azevedo ou Humberto de Campos. E, no romance, Aluizio Azevedo, Machado de Assis e José de Alencar, e, entre os novos, José Lins do Rego, Jorge Amado ou Graciliano Ramos. De todos os meus autores, Aluizio é o preferido. Como são adoráveis e cheias de realidade as páginas deste romance «Casa de Pensão!»...

E eu saí pensando: a «pensão» é mesmo uma das seduções dessa brilhante «D. Estelal»...



METROLINA

Para a higiene íntima da mulher

ANTISSÉPTICO GINECOLÓGICO
BACTERICIDA - DESODORIZANTE - ADSTRINGENTE



LEMBRA-TE DAQUELE DIA

Nome em inglês: "Remember the Day". Filme da "20th Century-Fox", direção de Henry King.

Nora Trinell — CLAUDETTE COLBERT

Dan Hopkins — JOHN PAYNE
Dewey Roberts (em criança) —
— Douglas Croft

O mesmo (já homem) — John Shepperd

Kate Hill (em criança) — Ann Todd

A mesma (já mulher) — Frieda Inescort

e muitos outros de menor importância no argumento.

Nora Trinell, desde muitos anos se dedicara à profissão de ensinar, sendo considerada boa professora de meninos. Viera a Washinhton naquele verão de 1940 para assistir a uma reunião pedagógica, e, ao entrar no hotel, percebeu que os debates iam exaltados na importante reunião. Procurou avistar-se com Dewey Roberts, aparentemente o centro da assembleia e seu principal mentor.

Enquanto ela aguardava o momento de encontrar-se com Roberts, ia rememorando velhos tempos passados, quando ela se iniciava na carreira do magisterio em Auburn, onde Roberts estava no oitavo ano do curso. Projeta-va ela então levar a classe para um espetáculo shakespeariano, o que se chocava com um jogo de base-ball, no qual era Roberts o principal astro.

Para evitar qualquer complicação com a classe e, especialmente, com Roberts, a professorinha combina um plano com Dan Hopkins, o treinador do team de base-ball. Dan sentia a maior simpatia por Nora e esta, por seu

lado, muito gostava do diretor de esportes, embora não demonstrasse os seus sentimentos. Depois disso, Dewey contraiu forte antipatia pela professora; mas, logo depois, ao saber que ela era eximia conhecedora de barcos, tanto quanto à construção, como no que se referia à navegação, mudou de ideia, uma vez que era essa a mania de Dewey, além do base-ball.

Nora teve que ceder ao programa do jogo, sacrificando Shakespeare. Ao seu lado estava Kate, irmã de Steve, o melhor amigo de Dewey. Kate sente uma grande paixão por este, mas Dewey prefere fazer que ignora essa afeição. Nesse "match", Dewey é vítima de um acidente, ficando ferido; Nora se transforma em sua dedicada enfermeira, tratando-o com todo o carinho. Disso nasce uma grande simpatia do aluno pela mestra. Quando chegou a época de férias, Dan, que estava cada vez mais apaixonado pela professora, convidou-a para

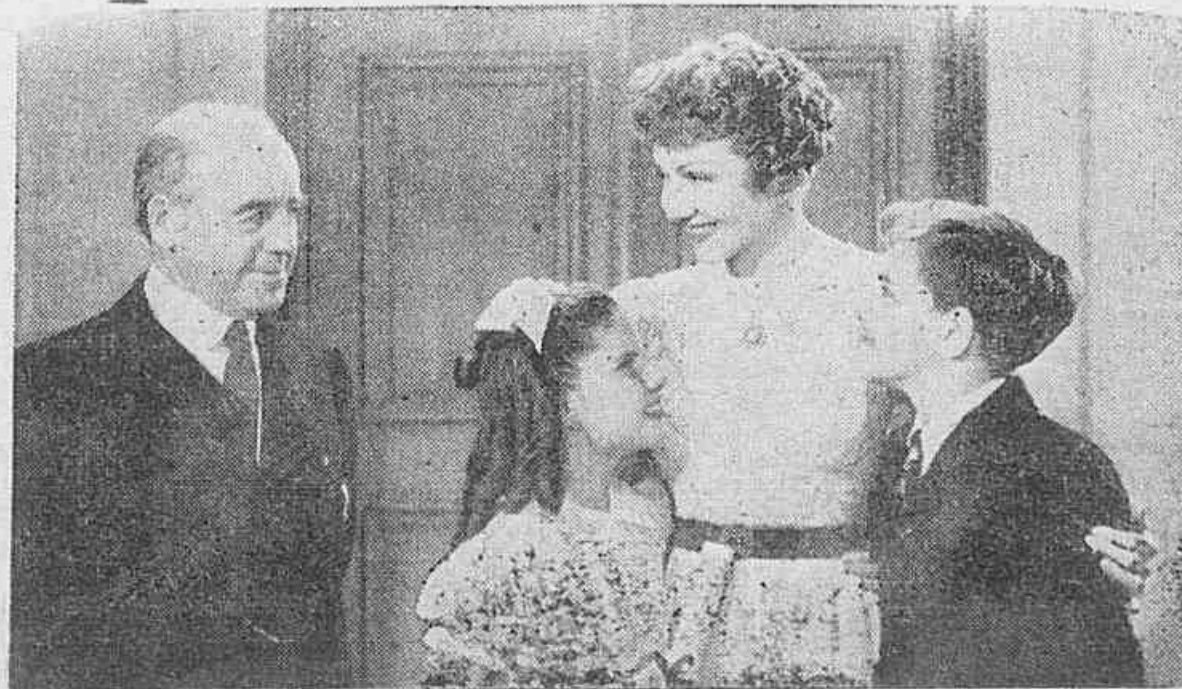
passarem juntos os dias de folga; Mas Nora, que também gostava muito de Dewey, se excusou, alegando que ia passar as férias em companhia de colegas suas... Mas Dan insistiu e ela foi mesmo para um recanto de praia em sua companhia. Daí se originou profundo amor, terminando com promessas firmes de casamento para breve.

Do lugar desse idílio eles enviaram cartões postais para Dewey, cartões esses que os denunciaram, tendo Mr. Steele, Diretor da Escola, demitido Dan, para evitar escandalos. A esse tempo, Dewey teria que ir frequentar uma escola superior, por ordem de seus pais; entretanto, o jovem não queria afastar-se de perto de Nora. Os boatos de amores entre Nora e Dan vêm a publico, e Dewey, desgostoso, deixa Auburn, e segue para outra escola longe dali. Dan, por sua vez, vai para Chicago, onde é nomeado para importante cargo de engenharia. Logo depois deve seguir para a França. Escreve a Nora pedindo

que se case com ele, afim de irem passar o Natal e a lua de mel no mesmo local daquele idílio no ultimo verão, pois só dispunha de duas semanas antes de viajar para a França. Quando Dan viaja, por indesejável casualidade vai no mesmo trem em que Dewey também está, sem que este saiba que Nora e Dan estão casados. De tudo isso se recordava a mulher, que esperava o momento de falar a Dewey, tantos anos depois...

Nora era agora uma mulher de meia idade, interessada também nos acontecimentos políticos sob a chefia do seu ex-discipulo Dewey. Quando ela foi até seu gabinete, viu o quanto estava ele ocupado. Por todos os lados correligionarios e amigos a discutir a eleição do Presidente, enquanto Dewey preparava seu discurso oficial para o publico. Lá em baixo a multidão ansiosa aguardava o momento emocionante. Nora falou a Dewey, mas este não a reconheceu; somente depois que ela pronunciou o nome, foi que ele se recordou. Mas a mulher já havia descido as escadas, confundindo-se com a multidão. Era preciso encontrá-la. Mandou missarios e detetives, e só pronunciou o seu discurso quando Nora foi encontrada e veio sentar-se num lugar de destaque, ao lado de Kate. Dewey, como uma homenagem a Nora, iniciou o discurso com as mesmas palavras que ouvira de sua amada, num daqueles dias memoráveis, quando se divertiam em passeios nos seus botes: "Marujos! Segui, firmes no rumo traçado!"

Naquela momento, Nora e Dewey, ambos tinham nos olhos um mundo de ilusões perdidas...



CLOSE-UP

CRITICA: — Os filmes analisados nesta página são classificados em 4 tipos: "Abacaxi", o peor; "Abacaxi enfeitado", sofrível; "Goal", bom, e "Campeão", ótimo, de acordo com os respectivos símbolos no final da apreciação

Adorável Vagabundo

(MEET JOHN DOE), filme da "Warner Bros.", direção de Frank Capra. — Elenco: Gary Cooper, Barbara Stanwyck, Edward Arnold, Spring Byington, Walter Brennan, James Gleason, Gene Lockhart e outros.

—oOo—

Um filme dirigido por Frank Capra é quase sempre um grande filme, pois esse diretor sabe como poucos humanizar personagens e fatos. "O galante Mr. Deeds", "Do mundo nada se leva" e "A mulher faz o homem" provam, de maneira positiva, a nossa afirmativa. "Adorável Vagabundo", apresentando Gary Cooper, esse artista que interpreta qualquer papel, para perpetuar a figura de John Doe, não foge à regra dos celuloides caprianos. É uma narrativa interessante, aqueles discursos inflamados proferidos na via pública com o intuito de reivindicar a classe média do grande país amigo, a América do Norte, são qualquer coisa de notável. Esse personagem apresenta certa semelhança com os personagens centrais daquelas três películas citadas acima. Gary Cooper, como sempre, está correto no seu papel, Barbara Stanwyck muito bonita e bem colocada, Edward Arnold desempenha uma parte semelhante a muitas que tem interpretado e está bem. O restante do elenco ajuda. Como sucede sempre nos trabalhos de Frank Capra, as figuras são semelhantes às da vida real e encontramos iguais na rua, às vezes a cada passo. Uma película que merece a atenção dos apreciadores do bom cinema, merecendo, pois, um formidável



PEDACINHOS...

DE ENÉAS VIANY

UM PROGRAMA NOTÁVEL...

O cinema vem prestando inestimáveis serviços à coletividade apresentando filmes anti-nazistas. Conquanto esta revista não tenha uma secção especializada em assuntos do "broadcasting" que, como o cinema, vem alertando o povo contra a "quinta coluna", achamos justo abrir uma exceção afim de felicitar o autor de um programa radiofônico. Trata-se do "Programa da Boa Vizinhança", que a B-7 transmite todas as quintas-feiras às 21,15. Escrito e apresentado por Gomes Filho, destacado elemento da imprensa e do rádio brasileiros, homem culto e inteligente. Nesta hora em que as Américas devem fundir-se num só corpo para resguardar a integridade e a liberdade de que sempre desfrutaram as nações americanas, esse programa representa um traço de união continental entre o Brasil e os que amam a liberdade, e Gomes Filho merece a nossa admiração sincera, pela criação de um programa interessante e oportuno, um autêntico "big broadcast".

MATE ESTAS...

A meia escuridão, originária de um sentimento de desforra constituía o enredo deste filme — 2-1-3.

O derradeiro abrigo daquele homem terrível foi o cinema onde exibiam aquela película — 3-4.

PENSAMENTOS...

« VENENOSOS »

«Ha crônistas que preferem ganhar 30\$ mensais para ter mais onde escrever... outros escrevem mesmo de graça para aparecer. (N. H.)»

«Tenho uma dúvida: devo ir ao «O. K.» ou a um museu de antiguidades? (Um «fan»)..»

«Eu só queria saber prá que a natureza criou êsses críticos cinematográficos...» (C. S.)

«Falam em mandar-me dirigir outro filme... mas vai ser «espêto» porque o Orson Welles está trabalhando na «Cinédia» e eu fiquei sem o meu «cemiterio». Como «enterrarei» agora os artistas? (C. G.)»



José Ruy (Recife) — Dos numeros citados, dois estão exgotados. Seguiu o que descreve «Tudo isto e o céu também», conforme seus desejos.

Leda Guillemim (S. Maria, R. G. S.) — Ainda temos aquelas revistas. Cada numero custa 1\$500 mais \$500 para o porte. Póde enviar em selos do correio.

Carmela Mazullo (Rio) — Recebemos e registámos sua solução. Está certa.

Almira Q. de França (Campina Grande, Paraíba) — Seu trabalho será aproveitado em tempo.

Manuel Vasquez de la Roza (Mieres, Espanha) — Recebemos sua carta e aqui fica o seu endereço para que Dulce Maria e outros leitores se correspondam com você: Rua 12 de Octubre, MIERES «ASTURIAS» (Espana). E disponha sempre de A CENA MUDA.

Alex Jafa (Salvador, Bahia) — Eis as respostas: 1) — Póde escrever a Enéas Viany endereçando sua correspondência para esta redação. 2) — Estamos lutando com a falta de espaço, mas v. será atendido. 3) — No próximo numero daremos a relação que deseja. V. não nos aborrece. Estamos aqui para atender a todos os leitores.

Rafael Conde (Rio) — Ao que parece a noticia do casamento de Ann Sheridan com George Brent era falsa. Temos em mão um numero recente de Screen Guide na qual um reporter perguntá quando êles resolverão casar-se. E esse reporter deve estar mais bem informado. Não é mesmo? Continue a dispôr.

Ildelfonso Ottoni (Bélo Horizonte) — Temos em nosso poder cento e tantas colaborações para serem aproveitadas, inclusive a do amigo. A nossa boa vontade é

«Deram-me a alcunha de artista de cinema e agora não me deixam em paz. Essas «invenções...» (A. A.)»

«Se não houvesse a imprensa, a gente poderia fazer o que entendesse. Aquele Gutenberg...» (Um empresário «Pão Duro»)

«Eles poderão falar á vontade. O nome do Brasil é meu consolo e a «gaita» é tudo... (C. M.)»

E... até terça-feira próxima si eu ainda estiver vivo...

grande, mas a falta de espaço é muito maior.

Dú Montenegro (Rio) — Nestor Paiva não é brasileiro e a «Paramount» do Brasil não sabe a sua nacionalidade. E aquela pequena de «Louras prá xuxú» é mexicana, si não nos falha a memoria.

Jorge José de Oliveira (Rio) — A biografia de Bette Davis está em nossa edição de 30-7-40, a de Carole Landis «sairá» brevemente. Gratos pelas expressões de sua carta e aqui fica o seu endereço para que outro leitores se correspondam com V.: rua Turiborí, 77, Campo Grande, Rio de Janeiro.

Jurema A. (Rio) — Sentimos muito, mas o assunto desta revista é exclusivamente cinematográfico.

Agnelo Fonseca (Formiga, E. do Rio) — Se andar ligeiro ainda conseguirá aquela revista.

Maria Rosaria Januzzi (Rio) — «Bloqueio» está exgotado. Não sabemos a qual carta se refere, mas continuamos ás suas ordens.

◆◆◆

NOTA — A todos os leitores que nos enviaram colaborações, referentes ao 22.º aniversário desta revista, renovamos os nossos sinceros agradecimentos. Avisamos, no entanto que referidos trabalhos perderam a oportunidade. No próximo ano façam a remessa com alguma antecedência e teremos prazer em aproveitá-los.

COUPON

QUE DEVE ACOMPANHAR CADA CONSULTA

Nome.....

Data da consulta.....

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu figado deve derramar, diariamente, no estomago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estomago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martyrio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada ha como as famosas Pillulas CARTERS para o Figado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam dano; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Figado. Não aceite imitação. Preço 3\$000



Kaaren
Verne

UM BOM CIGARRO...



DC
★

COMPANHIA DE CIGARROS
SOUZA CRUZ

